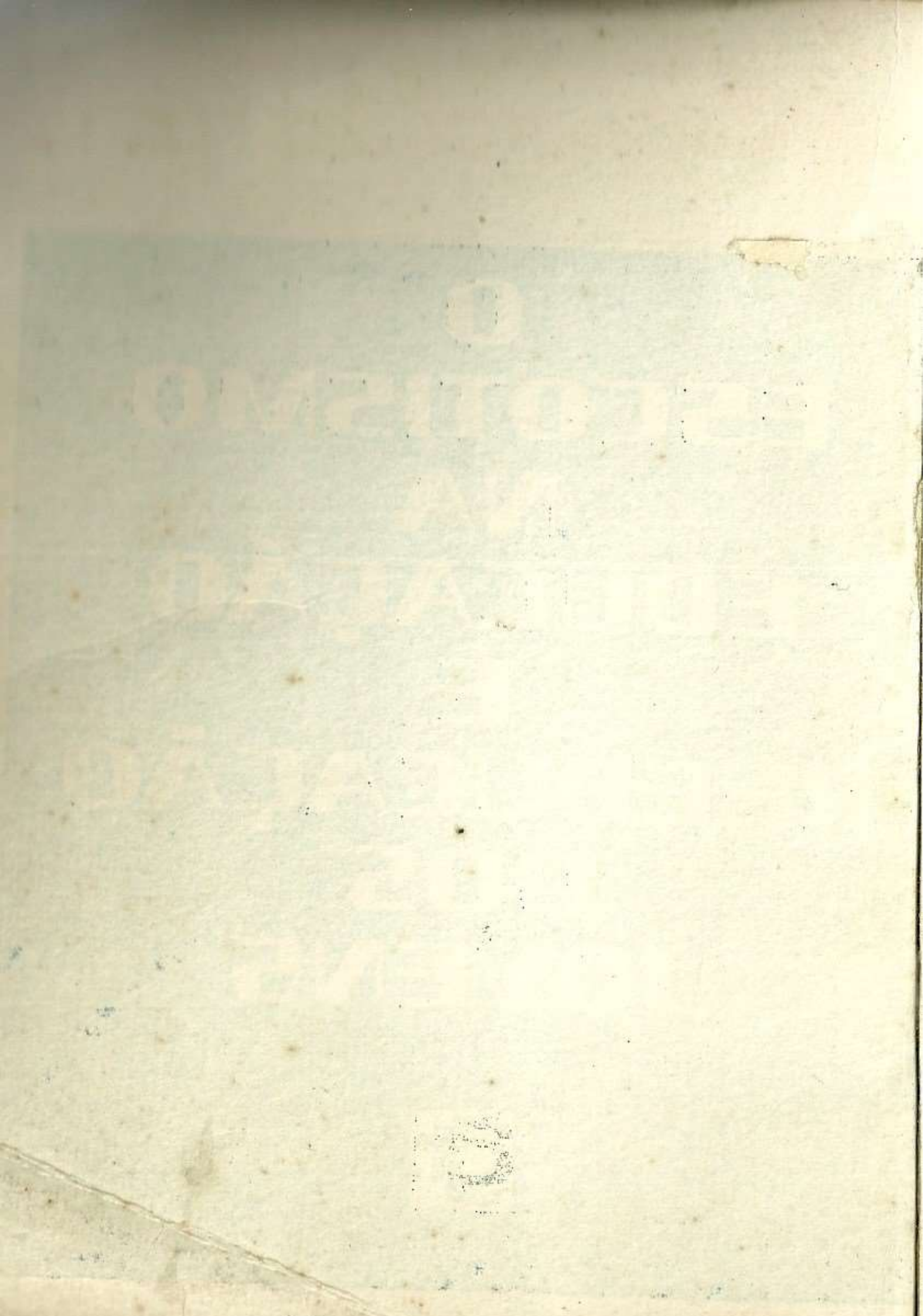
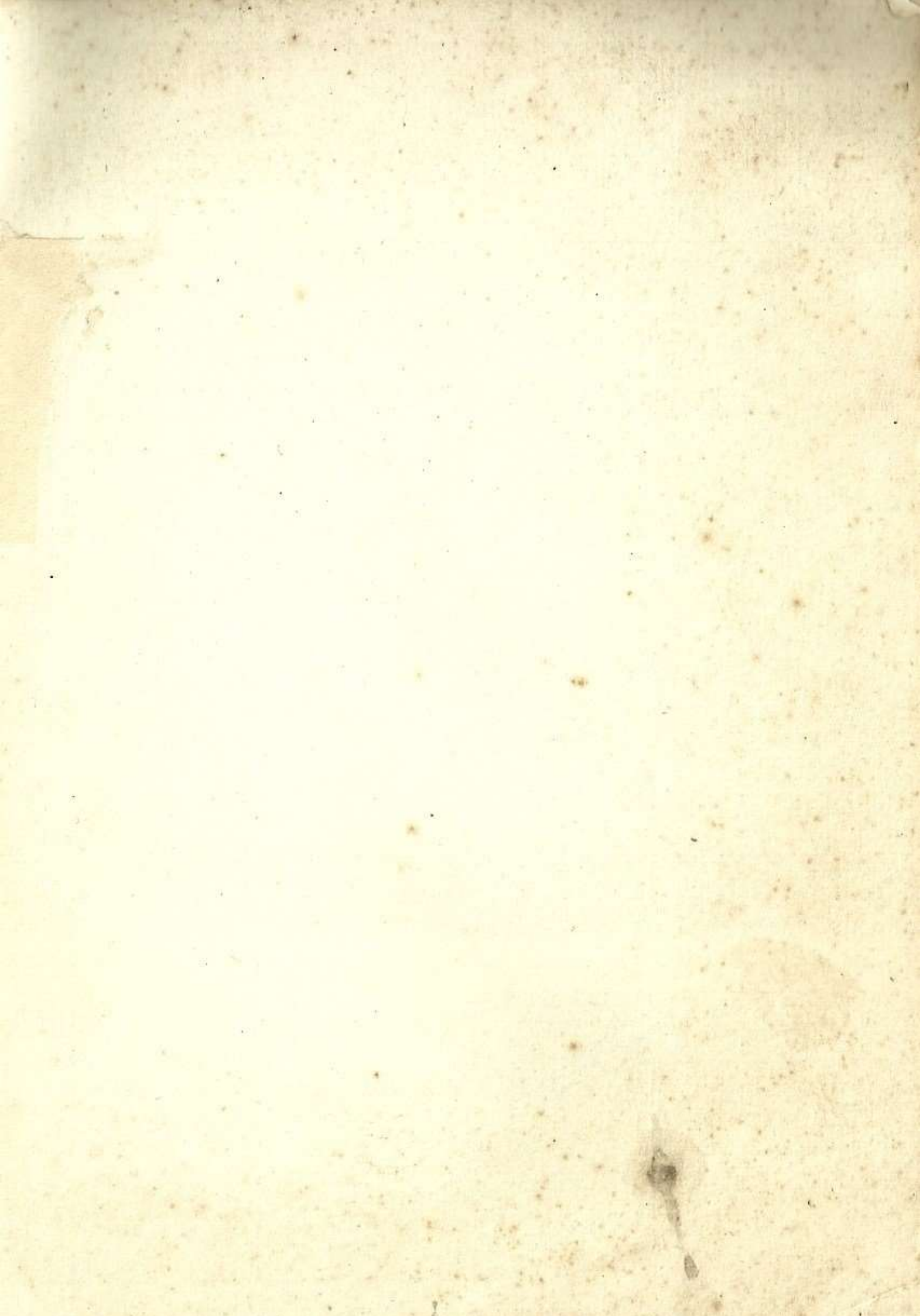


HENRI JOUBREL

O
ESCOTISMO
NA
EDUCAÇÃO
E
REEDUCAÇÃO
DOS
JOVENS







**O ESCOTISMO NA EDUCAÇÃO
E NA
REEDUCAÇÃO DOS JOVENS**

HENRI JOUBREL

Doutor em Direito - Comissário Nacional dos
"Eclaireurs de France"

O ESCOTISMO NA EDUCAÇÃO
E NA
REEDUCAÇÃO DOS JOVENS

TRADUÇÃO DE

MARIA JOSÉ AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE

1969

Livraria **AGIR** *Editôra*

RIO DE JANEIRO

Copyright © de
Artes Gráficas Indústrias Reunidas S. A.
(AGIR)

Traduzido do original francês:
“Le Scoutisme dans l'éducation et la rééducation des
jeunes”, publicado por *Presses Universitaires
de France, Paris.*

Livraria AGIR Editôra

Rua Bráulio Gomes, 125
(ao lado da Bibl. Mun.)
Tel.: 34-8300

Caixa Postal, 6040
São Paulo — SP

Rua México, 98-B
Tel.: 242-8327

Caixa Postal, 3291-ZC-00
Rio de Janeiro — GB

R. Espírito Santo, 845
Lj. 16 - Tel.: 22-3038

Caixa Postal, 733
Belo Horizonte — MG

Enderêço Telegráfico: “AGIRSA”
Atendemos pelo Serviço de Reembólso Postal

“A infância é tremendamente séria.
Uma criança se empenha por inteiro...”
Vercors (La Marche à l'Étoile).

“Os movimentos de juventude tornaram-se
um dos fundamentos concretos de uma
verdadeira higiene mental infantil.”
Dr. Le Guillant.

Í N D I C E

INTRODUÇÃO	11
1. ^a PARTE — O ESCOTISMO, MÉTODO DE EDUCAÇÃO E SOCIEDADE DE JOVENS	15
A) Finalidade do Escotismo	18
B) Métodos do Escotismo	22
C) Evolução do Escotismo	27
2. ^a PARTE — O ESCOTISMO E A REEDU- CAÇÃO	
A) Generalidades	35
B) Histórico	38
Cap. I — Adaptação do Escotismo à juven- tude socialmente inadaptada	43
Cap. II — A prática do Escotismo pelos jovens temperamentais e anti-sociais ..	89
Cap. III — Auxílio do Escotismo Normal a certas obras de Proteção à infância e à adolescência	115
CONCLUSÃO	119

INTRODUÇÃO

A importância atual do escotismo e a influência que exerceu desde sua criação são fatos incontestáveis. Quando os sociólogos de amanhã estudarem a história da juventude, verão ainda melhor do que nós a que ponto as “simples sugestões” lançadas em 1908 por Baden-Powell contribuíram para a evolução das idéias sobre educação e como formaram um determinado tipo de indivíduo.

Contam-se por dezenas de milhões pelo mundo afora os homens e mulheres que receberam essa influência. Hoje, os jovens que pertencem a esse “movimento” são aproximadamente 5 milhões. Encontram-se em tôdas as nações, exceto aquelas que quiseram ou foram forçadas a escolher o regime da ditadura. E ainda se pode observar que as organizações de juventude impostas nesses países tiraram do escotismo muitos dos seus princípios pedagógicos...

Quando se procura apreciar o desenvolvimento que Baden-Powell chamava modestamente no início “sua pequena maluquice”, não se pode considerar apenas os contornos do escotismo em si mesmo... É preciso levar em conta suas repercussões em considerável número de agrupamentos e instituições para a juventude e mesmo para adultos.

Patronatos leigos e religiosos, «movimentos» para crianças das mais diversas inspirações, (*Coeurs Vaillants, Vaillants, Francs et Franches Camarades*, por exemplo), associações de adolescentes, buscaram no escotismo processos, elementos, “atmosfera”. Nas Casas de Jovens e Albergues de Juventude, pode-se facilmente constatar uma certa “marca de escotismo”,

muitas vezes devida à origem de seus iniciadores e responsáveis. Os principais organizadores da formação de monitores de colônias-de-ferias (em primeiro lugar os "Centros de treinamento de métodos de educação ativa» foram constituídos por iniciativa do escotismo, com elementos escoteiros. Através deles, milhares de jovens, principalmente estudantes, preceptores, alunos-professôres das Escolas normais puderam rever e ampliar suas concepções pedagógicas e um número de crianças que atinge atualmente mais de um milhão por ano pôde beneficiar-se de seu esclarecido devotamento.

A própria reforma do ensino não foi insensível a esse impulso proveniente do escotismo e de seus derivados. Pode-se dizer que o planejamento das "escolas experimentais", das "atividades dirigidas", dos estágios para mestres e mestras de internatos só foi possível graças a elementos inspirados pelo escotismo, incentivados por altas autoridades universitárias simpaticizantes com o movimento ou mesmo a êle filiadas.

Os internatos escolares particulares puderam mais rapidamente inspirar-se nas lições fornecidas pela experiência escoteira: escolas modernas autônomas, esquilas para crianças abandonadas, alguns orfanatos e lares para menores...

Finalmente, as coletividades de rapazes também receberam a contribuição dos métodos escoteiros. É preciso salientar a presença de comissários escoteiros à frente do Ministério de Juventude e Esporte, dos Centros de educação popular, de associações culturais para adultos, de cursos para aprendizes nas grandes emprêsas, de centros de aprendizagem e ensino técnico... Por outro lado, sem voltar à experiência dos "Campos de Trabalho de Jovens", a respeito dos quais os espíritos objetivos sempre reconheceram algumas vantagens, basta ir à Escola Militar de Coëtquidan para perceber que o nôvo exército levou em conta, para a formação de seus cadetes, algumas das lições que Baden-Powell destinava, aliás, primitivamente, aos militares, para desenvolver sua personalidade.

O escotismo possui uma fôrça de penetração verdadeiramente notável. Criado primeiramente para ra-

pazes de 12 a 16 anos, foi literalmente reclamado pelas meninas da mesma idade. Depois foi preciso adaptá-lo para crianças de 7 a 12 anos, em seguida para adolescentes. E agora prolonga-se entre os adultos, através das "Amizades Escoteiras" e dos grupos de "Vida Nova".

Não pode surpreender portanto que, quase desde o início, o Escotismo se apresente para categorias de jovens afastados da comunidade juvenil por motivo de doenças prolongadas ou enfermidades físicas, deficiências intelectuais ou perturbações de caráter. Assim nasceu o escotismo de extensão, depois as crianças e adolescentes portadores de dificuldades psíquicas.

É esse último aspecto do escotismo que examinaremos neste trabalho. Depois de ter lembrado os princípios básicos do escotismo e sua aplicação às crianças normais, mostraremos como ele se pode adaptar aos jovens retardados ou temperamentais e mesmo ser algumas vezes integralmente praticado por eles.

NOTA DA TRADUTORA

A Federação dos Bandeirantes do Brasil comemora, em 1969, cinquenta anos de serviços prestados à juventude brasileira.

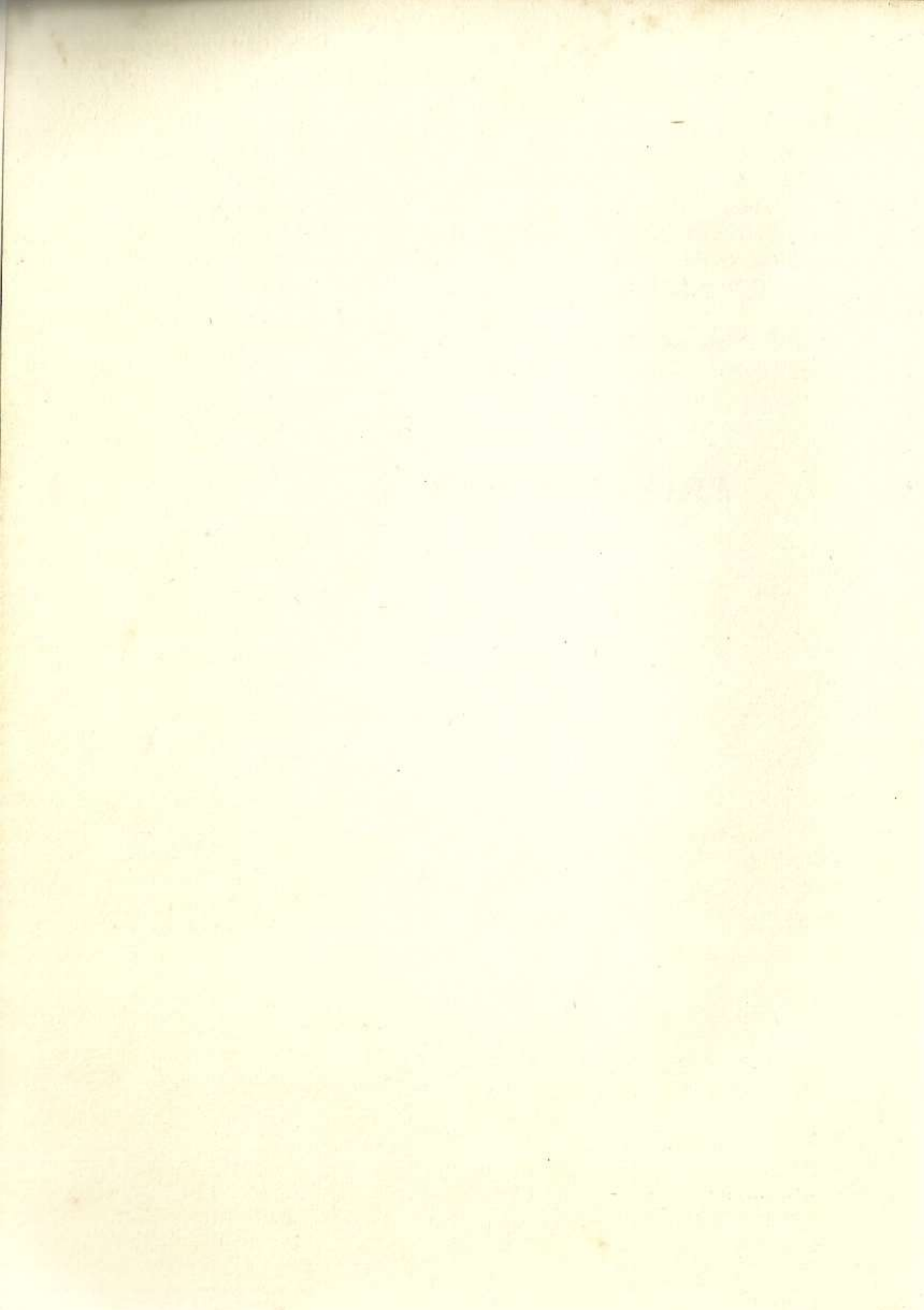
Tendo em vista a necessidade sentida nos últimos tempos, de reestruturação e atualização de todos os movimentos ligados à Educação e, principalmente, à educação da juventude, a Federação das Bandeirantes do Brasil, que vinha realizando estudos e pesquisas sobre sua atuação, apresentou e pôs em prática, em caráter experimental, um plano geral de reorganização.

Esse plano inclui a atualização dos processos e técnicas do bandeirantismo, sua integração na comunidade, como uma das forças propulsoras de desenvolvimento e aperfeiçoamento, resguardados e reforçados os princípios básicos, estabelecidos pelo fundador do Movimento — Robert Baden Powell.

O bandeirantismo que a Federação das Bandeirantes do Brasil propõe às novas gerações guarda os valores que o tornaram no passado o mais completo método educativo formulado e aplicado à juventude e o torna atualmente moderno método de educação integrada, capaz de proporcionar ao jovem condições de plena realização como indivíduo e como membro de uma sociedade, em que o fim último é o bem-estar social.

O Brasil tem atualmente 20.000 participantes do Movimento bandeirante e é praticado em todos os estados do Brasil e em dois territórios.

PRIMEIRA PARTE



O ESCOTISMO
MÉTODO DE EDUCAÇÃO
E SOCIEDADE DE JOVENS

Seria inútil procurar em todos os trabalhos de Baden-Powell uma definição suficientemente completa do escotismo. Quando, certa ocasião, pediu a um amigo que comprasse 10 chapéus cáqui, não sabia se conseguiria vendê-los, e apenas ousava falar numa “simples sugestão em favor de uma agradável maneira de recreação ao ar livre...”

Porém é “recriar-se” que êle poderia ter dito, com o pleno sentido que essa palavra contém. Pois no seu espírito tratava-se, nada mais nada menos, de uma tentativa de renovação do indivíduo, por um corte radical com os processos da educação tradicional, no que ela tinha — pelo menos nessa época, antes da primeira guerra mundial — de sufocante e de esterilizante.

Nos seus primeiros opúsculos, “Aids to Scouting”, vendidos separadamente por 4 *pence*, Baden-Powell propunha simplesmente um método de *educação ativa*. Mais tarde, aliás, êle confirmaria que os chefes dessa escola tinham guiado sua inspiração. Mas êle confiava tam-

bém nas suas observações e na sua experiência pessoal. Verificou que muitas das suas qualidades úteis para vencer na vida eram devidas à sua independência em face das disciplinas que lhe queriam impor. Lembrando-se da sua própria mocidade, êle começou a reparar com atenção o comportamento dos rapazes. E assim construiu pouco a pouco um sistema baseado, não sôbre concepções teóricas, porém sôbre as *necessidades reais* manifestadas pelos jovens.

“O escotismo é feito para o rapaz e não o rapaz para o escotismo”, declarou êle, nessa forma pouco elegante que infelizmente lhe era muito familiar...

Sua finalidade: “Formar cidadãos alegres, ativos e úteis.” Como? desenvolvendo nos jovens o gôsto da iniciativa e da responsabilidade.

É do conhecimento de todos a maneira como essa idéia ocorreu ao oficial britânico. Durante o cêrco de Mafeking, no Transval, em 1899, êle percebeu que os rapazes eram capazes dos mais surpreendentes êxitos quando se sabia apelar para o seu senso de honra e confiar nêles. Compreendeu então a que ponto a educação dada pela escola e pelo exército era insuficiente para formar o homem.

A repercussão, em todo o Império Britânico, da libertação de Mafeking devia ajudar enormemente Baden-Powell, tornado célebre, a propor seus princípios para a educação dos jovens. Era preciso não apenas dar-lhes instrução e ensinar-lhes a obedecer: era preciso torná-los capazes de agir.

Antes de reunir suas idéias num livro, Baden-Powell quis fazer uma experiência. Longe dos curiosos e dos jornalistas, na ilha de Brownsea (Dorsetshire).

reuniu uns vinte rapazes pertencentes aos mais diversos meios sociais. Dormiu com êles em barracas, cozinhou com êles, ensinou-lhes princípios de higiene, primeiros socorros, a maneira de observar os pássaros, as nuvens, as estrêlas. Contou-lhes aventuras de cavaleiros e exploradores.

Diante do êxito dêsse acampamento, êle se decidiu a escrever o livro que seria depois traduzido em tôdas as línguas do mundo: "Scouting for boys"...

Porém não foram os educadores que manifestaram em primeiro lugar seu entusiasmo com a leitura dêsse livro; foram os rapazes. De todos os cantos da Inglaterra escreveram a Baden-Powell que estavam decididos a praticar o escotismo e que haviam persuadido os adultos a se colocarem à frente do movimento. Baden-Powell pôde assim declarar mais tarde: "O escotismo nasceu sozinho."

No entanto, durante a guerra de 1914-1918, diante do desenvolvimento da "imoralidade juvenil", o chefe escoteiro decidiu organizar os "lobinhos" para combater essa negligência desde uma idade abaixo de 11 anos. No fim da guerra, a pedido de numerosos amigos, êle escreveu o "Caminho para o Sucesso" e criou os "Rovers" para os adolescentes, sempre no intuito de combater essa imoralidade.

Tôdas essas iniciativas foram acolhidas com entusiasmo pelos jovens. É preciso não esquecer que desde 1830, data do início do sindicalismo, os primeiros "movimentos de juventude" se haviam constituído. Em oposição a uma sociedade considerada desumana, os jovens procuravam se encontrar o mais possível num mundo só dêles, feito à sua medida.

A) Finalidade do Escotismo

No "Guia do Chefe Escoteiro" Baden-Powell enumera assim os objetivos do escotismo:

- 1) Formação do caráter
- 2) Saúde
- 3) Habilidade
- 4) Serviço ao próximo
- 5) Procura de Deus (rapidamente êle teve de juntar implicitamente, diante da adoção do escotismo por espíritos não religiosos no sentido clássico da palavra: ou procura de um ideal elevado. Pode-se afirmar essa posição apesar das controvérsias a êsse respeito — que não estão ainda extintas.)

O fundador visava portanto a uma formação complementar daquela dada pela família e pela escola num plano quántuplo: físico, prático, intelectual, moral e cívico.

a) No plano corporal, pelas excursões e acampamentos o escotismo favorece o desenvolvimento somático e a resistência à fadiga. Dá em seus programas um grande lugar aos jogos ao ar livre e aos esportes. Preconiza aos seus adeptos a educação física no seio da coletividade e individualmente, em casa. Ensina a higiene sob tôdas as formas, como fonte de fôrça mental e de equilíbrio psíquico;

b) O escotismo é também a escola do desembaraço. Um escoteiro sabe "se arranjar". Desde muito jovem foi preparado para enfrentar os obstáculos que surgirem à sua frente. E não só para levar uma existência de caçador ou de índio, como poderia parecer a muita gente, mas para a vida de todos os dias. Um escoteiro deve,

por exemplo, saber telefonar, consertar uma instalação elétrica, pintar um móvel, usar a ferramenta de um marceneiro, ler um guia de estrada-de-ferro, ministrar os primeiros socorros a um ferido na rua. O autogoverno que lhe é inculcado, as responsabilidades sérias que lhe são confiadas bem antes da idade em que os pais, os professores ou a sociedade confiariam nêlo, aguçam precocemente seu espírito de iniciativa diante dos problemas práticos a resolver. Os exames e as provas de especialidades são para êle uma ocasião de aprender bem cedo certas técnicas e de se submeter por si mesmo, tateando, a uma verdadeira orientação profissional;

c) As faculdades intelectuais da criança, na tropa escoteira, desenvolvem-se por uma multidão de jogos de atenção, de observação, de memória, de imaginação, através de concursos, discussões, pesquisas geográficas, reconstituições históricas, viagens. Elas se expandem numa cultura artística favorecida por trabalhos de decoração, vigílias, fogos de conselho;

d) Êsses diversos aspectos da educação escoteira são ilustrados por uma formação moral expressa no compromisso solene, tomado depois de um período de prova e em voz alta, diante dos camaradas reunidos, de respeitar uma regra bem definida.

Eis a promessa e a lei dos "Éclaireurs de France":

"Prometo pela minha honra" ou "Prometo pela minha honra e diante de Deus,¹ esforçar-me sempre por:

"Servir a meu país

"Prestar serviço em tôdas as ocasiões

"Obedecer à lei do escoteiro."

¹ A criança escolhe uma das duas fórmulas de acôrdo com o desejo dos pais.

As 10 sugestões positivas contidas nessa lei são:

- 1) O escoteiro tem uma só palavra.
- 2) O escoteiro é leal e cavalheiro.
- 3) O escoteiro é útil e pratica cada dia uma boa ação.
- 4) O escoteiro é amigo de todos e irmão de todos os escoteiros.
- 5) O escoteiro é cortês e respeita as convicções alheias.
- 6) O escoteiro é bom com os animais.
- 7) O escoteiro sabe obedecer.
- 8) O escoteiro está sempre de bom humor.
- 9) O escoteiro é trabalhador, econômico e respeitador dos bens alheios.
- 10) O escoteiro é limpo de corpo, palavras, pensamentos e ações.

Nas associações confessionais, a crença e a prática religiosa são evidentemente a base da moral escoteira. Eis por exemplo a lei dos "Scouts de France":

- 1) O escoteiro faz ponto de honra em merecer confiança.
- 2) O escoteiro é leal a seu país, a seus pais, a seus chefes e a seus subordinados.
- 3) O escoteiro existe para servir e salvar o próximo.
- 4) O escoteiro é amigo de todos e é irmão dos outros escoteiros.
- 5) O escoteiro é cortês e cavalheiro.
- 6) O escoteiro vê na natureza a obra de Deus, ama as plantas e os animais.

7) O escoteiro obedece sem reclamar e não deixa nada pela metade.

8) O escoteiro sorri e canta em meio às dificuldades.

9) O escoteiro é econômico e zela pelos bens alheios.

10) O escoteiro é puro em pensamento, palavras e ações.

Para as meninas, a versão é ligeiramente diferente. Eis a lei da "Fédération Française des Éclaireuses":

1) A bandeirante é leal, pode-se contar com ela, não mente nunca.

2) A bandeirante é disciplinada e obedece alegremente. É pontual e ordeira.

3) A bandeirante é calma, sabe dominar-se.

4) A bandeirante é enérgica e trabalhadeira, não teme as dificuldades.

5) A bandeirante é boa, prestativa e polida.

6) A bandeirante é amiga de todos e é irmã das outras bandeirantes.

7) A bandeirante é simples e sóbria nos gostos e adornos.

8) A bandeirante é amiga dos animais e das plantas.

9) A bandeirante está sempre de bom humor e se esforça para manter um ambiente de paz em seu redor.

10) A bandeirante é pura em pensamento, palavras e ações.

Deve-se notar a aspiração razoável dessa formação da personalidade: "*Prometo esforçar-me sempre por...*"

O primeiro artigo da promessa é "Servir a meu país." Aliás, Baden-Powell insiste, como já dissemos, em que o escotismo "procura formar cidadãos alegres, ativos e úteis." O movimento escoteiro é, de fato, uma das melhores escolas de civismo que existem.

A educação do patriotismo dos jovens completa-se no escotismo porque é marcadamente impregnada de um sentimento de solidariedade e de amizade internacional. "Jamboree" e reuniões de Rovers, intercâmbio e acampamentos no estrangeiro dão a milhões de rapazes e mógicas um vivo amor da paz. O escotismo é uma grande "fraternidade mundial" cujos membros são amigos íntimos, confiam uns nos outros e se ajudam reciprocamente por princípio.

B) Método do Escotismo*

Sem pretender expor aqui, de modo exaustivo um assunto que forneceu matéria a uma quantidade de trabalhos de vulgarização e teses de doutorado,¹ indicaremos as grandes linhas do método escoteiro.

1 Cf. principalmente: "Le Scoutisme", por Van Effenterre (coleção "Que sais-je?", *Presses Universitaires*); "Jeunesse Vivante", por V. Lapie (edit. Vigot); "Le scoutisme, méthode et spiritualité" por M. D. Forestier (Soledi); "Le scoutisme et l'individualité", por M. Bouchet (Alcan); "Le scoutisme Français", por Claude Lenoir (Payot).

* De acôrdo com o plano de reorganização da F.B.B., com a atualização dos processos técnicos do método bandeirante, o texto da Promessa e as normas de vida serão elaboradas pelos jovens e pela equipe a que pertencem, dentro de suas possibilidades, no momento. (N.T.)

Lembremos em primeiro lugar que o método se diferencia segundo sua aplicação a rapazes ou m^oças, a crianças de menos de 12 anos (lobinhos, fadinhas), a crianças pré-púberes ou em fase de puberdade (escoteiros e bandeirantes), ou os já entrados na adolescência (*rovers*, chefes ou guias).

Os princípios básicos do método de Baden-Powell na idade escoteira são:

a) *A educação através do jôgo e da aventura.* — O escotismo foi o primeiro movimento de juventude que ressaltou o grande valor educativo do jôgo, tão acentuado agora pelos psicólogos da infância.

b) *O contacto com a natureza.* — A criança encontra na vida ao ar livre uma fonte de bem-estar físico e espiritual. Aprende a ser simples e a dominar sôzinha inúmeras dificuldades materiais.

c) *O sistema de equipe.* — Êsse sistema baseia-se na observação de grupos naturais de crianças e no seu senso de honra coletiva. Permitindo a iniciativa e a responsabilidade individual dentro do grupo, confere o sentido de solidariedade e desperta a consciência social. A "patrulha de escoteiros, com seu emblema, sua divisa, suas tradições, conta de 6 a 8 meninos dirigidos por um dêles. É uma pequena sociedade na medida da criança, quadro ideal para o desabrochar de suas melhores tendências, o derivativo e a sublimação das menos boas. Possui sua personalidade e até sua autonomia. Promove suas reuniões, realiza seus passeios. Uma tropa de escoteiros não é na realidade composta de 32 rapazes, mas de 4 patrulhas de 8, levando muitas vêzes uma vida independente. O chefe da tropa dirige o conjunto, porém apoiando-se sôbre o conselho dos chefes de

patrulha assistidos pelos sub-chefes. Êle se esforça para ser apenas um regente de orquestra.

Dentro da patrulha, cada um procura fazer o máximo para salvaguardar o valor do grupo. Os mais capazes ajudam os mais fracos. Êsses se esforçam pela honra da patrulha.

d) *O uniforme e as tradições.* — Nesse ponto também Baden-Powell procurou levar em conta o gôsto das crianças: a atração que sentem pelas insígnias, pelos ritos secretos. Assim o cerimonial escoteiro é extremamente rico em simbolismo pitoresco (saudação, totem, investidura, cantos, proclamações, fogos de conselho, etc.).

Quanto ao uniforme, êle não provém, como se pode supor, de uma concepção militar, porém de considerações de ordem prática para a vida ao ar livre e da preocupação de igualar a aparência de jovens pertencentes a níveis sociais pobres ou ricos (e, nas reuniões mundiais, a nacionalidade, raças e religiões diferentes).

e) *As provas de classe e os distintivos.* — Um sistema progressivo de exames, do tipo menos escolar possível (porém é preciso lutar para livrar chefes e garotos do domínio dos métodos da escola tradicional!) vem consagrar a aquisição de qualidades e conhecimentos teóricos e práticos: “aspirante”, “segunda” e “primeira classe”, cordões azul e dourado, um ou diversos “distintivos de especialidade”, tais como de secretário, fotógrafo, habilidoso, artista, escolhidos numa lista de 60 aproximadamente.

f) *Apêlo ao sentimento de honra*, individual e coletivo, pela lembrança da promessa e da lei e, como já dissemos, pelo sistema de patrulha.

Baden-Powell acredita que muito se pode conseguir dos jovens falando-lhes da honra. Teve experiência pessoal com “meninos difíceis” e é bem conhecida sua sentença, particularmente válida para a continuação dêste estudo: “Todo indivíduo possui pelo menos 5% de bom. É preciso descobrir êsses 5% e fazê-los frutificar.” Fórmula talvez um pouco excessiva, desmentida por algumas estruturas biológicas ou afetivas, mas que, ao menos, teve o mérito de incentivar ao trabalho, com otimismo, milhares de educadores pelo mundo afora.

g) *O serviço ao próximo.* — A B. A. (boa ação) escoteira, que provocou um levantar de ombros de H. de Montherlant, concretiza um dos aspectos do ideal escoteiro e encontra sua mais ampla significação na divisa dos *Rovers*: “Servir”. No jovem escoteiro, pela exigência cotidiana de um gesto generoso pelo menos, a B. A. tem o mérito de criar o condicionamento de um hábito e, em seguida, de uma mentalidade. O escoteiro está voltado para o próximo. Sua preocupação de servir o melhor possível aos que estão perto (no meio familiar, escolar, profissional e depois em tôda a localidade) contribui para sublimar suas tendências negativas e para lhe dar sentido social.

h) *O exemplo permanente do chefe.* — Os discursos, as pregações, os sermões moralizadores têm geralmente pouca influência sôbre as crianças que, segundo se diz, acreditam mais com os olhos do que com as orelhas; a criança não tolera chefes que se oferecem ou se impõem como os marcos de quilometragem nas estradas, que indicam o caminho sem segui-lo. Por outro lado, a maioria das crianças e principalmente os adolescentes aspira a identificar-se com um herói. O mo-

dêlo que não encontram na sociedade, vão procurá-lo nas leituras ou no cinema. O bom chefe escoteiro é aquêlo que se faz estimar e que merece servir de exemplo. Êle é “o tal” que os meninos desejam imitar.

Delicada é a sua missão, com a tentação de exercer sôbre fáceis prêsas a “mística do chefe”... Êle deve ser bastante modesto e bastante “educador” para não tentar “comandar”, para saber manter-se discreto, para provar que não é nem indispensável nem insubstituível. Deve permitir que as personalidades que desabrocham à volta se afirmem segundo suas próprias linhas e não segundo as dêle... *

O chefe escoteiro segundo Baden-Powell é o “homem-criança” ao mesmo tempo bastante jovem de temperamento para se vestir como seus rapazes, brincar, cantar e rir com êles e bastante maduro para compreender suas reações e tirar proveito de sua própria experiência. Ê o irmão mais velho, cordial e compreensivo que se trata com intimidade mas que se respeita.

Em vista das qualidades exigidas de seus membros, o escotismo sempre teve muita dificuldade no recrutamento. A formação se processa por estágios em campos-escola (de curta duração) e por uma hierarquia amiga de comissários, que vai do nível local ao distrito, ao regional e ao nacional. Com demasiada frequência, por falta de número de jovens adultos que aceitem ou desejem exercer os cargos, a única solução

* O nôvo conceito de liderança, que a educação moderna procura desenvolver, trouxe para o atual chefe (coordenador) uma visão mais ampla em sua atuação: a possibilidade de dar a cada membro de sua equipe a oportunidade de liderar, de acôrdo com sua competência, em função das atividades realizadas. Ê a participação efetiva e afetiva de todos no crescimento próprio e comunitário. (N.T.)

é nomear candidatos jovens demais, ou mesmo algumas vezes conservar homens que já passaram um pouco da idade e que, convivendo com crianças, fixaram-se em concepções sociais ou atitudes afetivas infantis, no máximo adolescentes...

C) Evolução do Escotismo

Não é bastante, na verdade, que um método educativo seja bom. É também necessário que aquêles e aquelas que o aplicam sejam capazes de interpretá-lo em suas nuances e dignos de representá-lo. Ora, não se poderão encontrar grupos escoteiros excessivamente "militares", ou de comportamento desalinhado, ou visivelmente mal dirigidos?

Pagando o preço do seu próprio êxito, o escotismo é muitas vezes objeto de críticas, nem sempre sem fundamento, e que trazem a vantagem de manter alerta os responsáveis pelo movimento.

A excessiva juventude — fisiológica ou mental — de alguns chefes não é a menor razão de crítica, principalmente quando se ressalta a necessidade de identificação ao adulto manifestada pelas crianças e pelos adolescentes, sendo que alguns precisam focalizar outra imagem viril além da figura paterna. Foi acentuado com ironia em um romance¹ o sentimento de inferioridade, a verdadeira paralisia diante da vida normal que se abateu sôbre um quadragenário habituado por um período demasiado longo a conduzir escoteiros através da vida em contacto com a natureza... São infelizmente encontrados com freqüência êsses casos, provocados pela penúria de chefes bem dotados, sobretudo em

¹ "Les bonnes actions" (Le Seuil).

uma época em que as dificuldades econômicas tornam raríssimas as vocações não remuneradas. No entanto é preciso não generalizar!

Uma seleção científica permitiria talvez, como para a admissão nas atuais escolas de formação de educadores profissionais, o afastamento desses adolescentes prolongados, esses homens refugiados entre as crianças por temor da vida, com risco de puerilizar por muito tempo jovens que precisam tornar-se adultos. Esses homo-sexuais larvados e muitas vezes inconscientes, ou esses pequenos sado-agressivos, ávidos de "comando", que procuram através de uma autoridade tirânica sobre seres fracos, compensar sentimentos talvez de malôgro ou de inferioridade. Esses revolucionários utopistas, que sonham com uma sociedade ideal e procuram um público de entusiasmo fácil.

Eis alguns pontos a estudar, mas que não podem ser considerados agora devido à penúria de pessoal responsável — e também de dinheiro — que aflige atualmente o escotismo. Para recusar os "pseudo-chefes" êle se contenta em confiar no bom senso e na experiência dos seus elementos no exercício dos cargos de direção.

1 "Les Enfants de Choeur" (Le Seuil). Em artigo publicado em "La Table Ronde" (maio 1950), François Mauriac refere-se abundantemente a esse assunto. Lembra o Conceito de Claudel sobre Rimbaud, "Esse menino mal decidido a tornar-se homem", e acrescenta: "É preciso saber amadurecer .. Os Revers precisam superar a dificuldade de ser e não apenas contorná-la... O coroinha adormecido no bosque acorda vestido de rapazinho. No seu sonho, brincava de índio, mas agora está com 40 anos... Acabou-se a brincadeira... É preciso saber voltar dos fogos de conselho, etc.". Essas críticas, mesmo tendo alguma justificativa no passado, não deviam mais ter fundamento hoje.

Um outro romance¹ tentou provar que o escotismo afastava demais os jovens da realidade e particularmente da vida social. As concepções da existência, as atividades praticadas seriam artificiais, de estufa.

Tratar-se-ia então de um escotismo mal executado. Sua verdadeira finalidade, como já mostramos, é, antes de tudo, através de um programa concreto, formar cidadãos de seu país e do mundo.

Certamente, quando se trata de crianças, é preciso enfrentar a acusação de "infantilidade". É porque o escotismo adotou — e utilizou — os gostos dos jovens que foi de fato tão bem sucedido. Mas êle deve tender a desembaraçar progressivamente o jovem da infância e permanecer sempre aberto para fora. Os dirigentes das revistas escoteiras compreenderam muito bem êsse ponto e pouco a pouco apagaram o interêsse pelo tema "pele-vermelha" tão grato aos primeiros escoteiros, substituindo-o em suas páginas pelo relato de façanhas esportivas, de bons filmes e das mais recentes descobertas científicas. É mais útil a um rapaz de 1951 conhecer os segredos de um motor de automóvel do que obter fogo por fricção. Uma nota de indianismo ou de cavalaria pode ser admitida, porém os motivos de exaltação podem também ser encontrados nas aventuras dos exploradores modernos, na vida dos grandes pesquisadores e dos apóstolos contemporâneos.

"La Route", "Le Routier" (sub-título: informação, cultura, combate) dão tanto espaço à atualidade econômica, política, artística, literária, espiritual, que um leitor desprevenido poderia não reparar que se trata de revistas editadas pelo movimento escoteiro.

Pois é evidentemente nos grupos mais velhos que o escotismo devia proceder a um esforço vigoroso de

ruptura com os conceitos e prazeres do mundo infantil, para impedir que os adolescentes fiquem incrustados na infância ou então que os seus melhores *Rovers* renequem sua formação escoteira como que se *desvencilhando de um casaco pesado demais*.

Já se passaram vários anos desde que essa mudança se operou. Os *Rovers* têm agora uma atitude bem diferente da dos escoteiros (boné ou cabeça descoberta em lugar do chapéu, às vezes sem gravata e, pelo menos quando o inverno é frio, calças de golfe em lugar das calças curtas: sinais exteriores traduzindo uma grande mudança de mentalidade!) Esses *Rovers* dedicam-se a atividades turísticas, esportivas, culturais ou a serviços próprios de sua idade. Desfrutam das distrações que a vida atual oferece, muitas das quais seriam repelidas como “pouco escoteiras” pelos seus predecessores. Misturam-se com os outros membros da coletividade, compartilham de suas preocupações e algumas vezes, aliados a outros movimentos de juventude, de suas reivindicações.

Mas, poder-se-ia insistir, não é contrário à psicologia do adolescente sentir-se incluído em um grupo, mesmo restrito e fraterno? Não seria necessário deixá-lo só ou com algum amigo de sua preferência, entregue a suas fases de entusiasmo, de abatimento e de inquietação, a sua crise de evolução da puberdade? Não se correria o risco, no ramo mais velho do escotismo, de abreviar demais uma etapa decisiva para o futuro ou de prolongá-la até a idade fisiológica do adulto? Não se criaria assim um obstáculo ao desabrochar de uma personalidade?

Há sem dúvida muitos jovens e muitas vezes dos mais dotados, que necessitam amadurecer, construir-se

no isolamento. A êsses, o escotismo mais velho, apesar de tôdas as concessões que fêz e deverá ainda fazer para respeitar as características da "flor da idade", seguramente não convém. Mas a experiência prova que se os *Rovers* são e devem ser menos numerosos do que os escoteiros, contam no entanto em seu seio — ao lado, talvez, de deficientes afetivos — com muitos jovens ávidos de ação e de discussões em conjunto, muitos também com temperamento de chefe, de que não só o escotismo mas a sociedade tanto necessitam. Para êsses representa uma excelente escola de energia, de aprofundamento e aprendizagem da vida. É a continuação normal do escotismo e a prova de que não só utilizaram suas particularidades como compreenderam seu verdadeiro sentido.

Há um ponto ainda que merece discussão. Não deveria o escotismo, em vista mesmo da importância de suas ambições, da gravidade de suas responsabilidades, dar uma formação psico-pedagógica completa a seus membros? Com os progressos dessa técnica não será ela futuramente exigível mesmo em se tratando de educadores pertencentes a um movimento destinado às horas de lazer? E o escotismo, que possui (como as outras associações de mocidade) chefes animados de boa vontade, porém muitas vêzes incompetentes e mesmo vaidosos, não deveria ser, mais uma vez, o desbravador do caminho? Pelas razões já indicadas acima, isso no momento está fora de cogitação. Poder-se-ia apenas acentuar essa formação nos campos-escola, nas visitas de inspeção ou nos encontros de chefes. Aquêles e aquelas, sempre em maior número, que recebem agora êsses ensinamentos no curso de seus estudos, procurarão naturalmente introduzi-los na associação à qual dedicam

seu tempo livre. Terão porém de vencer a resistência de alguns membros do escalão superior, que, ou por ignorância ou em pleno conhecimento de causa, receiam embrenhar-se no laboratório de psicologia. Terão de provar que o lado humano, vivo, espontâneo do escotismo não seria alterado e sim enriquecido por uma melhor inteligência das reações mais recônditas dos jovens.

É preciso saber, em todo caso, que mesmo quando guiado pelo simples empirismo, o movimento escoteiro, agora com quase cinqüenta anos, evita cuidadosamente a fossilização. Suas publicações, seus congressos, suas contínuas reformas de estrutura interna são a prova de sua preocupação de evoluir. Se bem que não tente modificar os princípios básicos estabelecidos por Baden-Powell, porque repousam sobre uma observação minuciosa de comportamento e das aspirações dos jovens, o escotismo procura constantemente adaptar seus princípios às condições e às necessidades da época.

Na realidade uma séria baixa de efetivos, de alguns anos para cá (que atingiu também, aliás, todos os movimentos de juventude), obrigou o escotismo a êsse "exame de consciência". Ele teve de concordar que estava exercendo menos atração: e não somente devido à expansão artificial de seus grupos, que se seguiu à libertação do território (e que devia naturalmente reabsorver-se com rapidez), mas em razão dos favores oficiais que lhe tiraram em grande parte, aos olhos dos moços, o encanto da seita fechada, misteriosa, em oposição às disciplinas da família e da escola. Recomendando-o, incensando-o, os pais mestres e ministros religiosos tiraram-lhes parte do prestígio. Por outro lado, adotando alguns dos seus métodos, alguns dos seus processos, um pouco da sua atmosfera, outros grupos, as

colônias-de-férias e mesmo alguns estabelecimentos de ensino privaram-no de grande parte da sua originalidade.

Foi preciso reagir. A reação se manifestou principalmente no sentido de restituir ao escotismo o máximo do seu caráter de *sociedade de jovens*, na qual as crianças se governam o mais possível e comunicam a seu chefe suas idéias e aspirações.

Entre os escoteiros franceses, chegou-se a incentivar a votação de "constituições de tropa", redigidas pelos meninos. Alguns dêsses textos provocaram a demissão do chefe da tropa, prova evidente de que êle estava deslocado ou não assimilava seu papel.

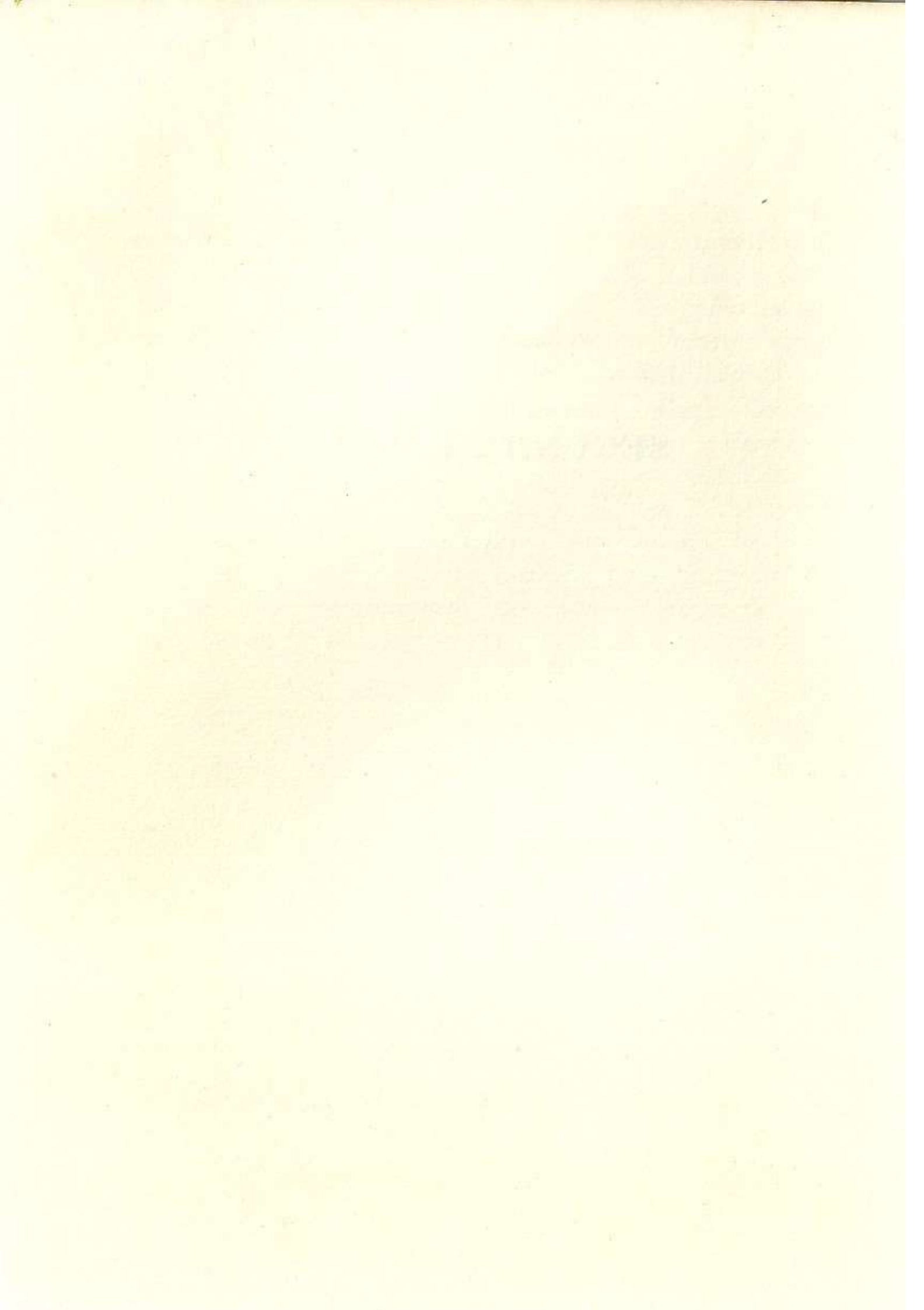
No desejo de progredir constantemente, de se achar sempre na "vanguarda", as associações francesas de escotismo lançam sem cessar novas idéias (como por exemplo a dos "Raiders" dos "Scouts de France". Essa última tentativa, que, apesar da prudência com que foi feita, suscitou vivas polêmicas, corresponde a uma tendência contemporânea e apresenta a vantagem de aproximar o escotismo da vida normal, principalmente da vida familiar. Apesar das dificuldades, (decorrentes principalmente da dosagem das atividades em comum e separadas), essa experiência poderá contribuir para evitar as fixações homo-sexuais inevitáveis num agrupamento não geminado e favorecerá o equilíbrio afetivo entre rapazes e môças.

Essa inquietação sempre presente dos dirigentes escoteiros (que sabem muito bem que a "moda" pode provocar o abandono das melhores coisas), parece-nos uma excelente garantia da vitalidade do movimento. Diz-se que Baden-Powell desejava que um dia o escotismo desaparecesse, tornado inútil depois de se infil-

trar por tôda parte onde pudesse prestar serviço . . . Mas, essa época ainda está longe. Seria vão procurar um movimento de juventude que, passando à frente do escotismo, pareça capaz de suplantá-lo. Ninguém poderia negar, de outra parte, a necessidade que muitos setores do mundo juvenil têm de sua benéfica influência.

Diante da apatia e do egoísmo (reflexos do após-guerra) de um grande número de crianças e de adolescentes de hoje, o escotismo precisa saber renunciar aos efetivos numerosos. Êle deve, ao contrário, aumentar suas exigências a fim de atrair e reter apenas os jovens mais entusiasmados. Deve também prosseguir em seus esforços nos *ramos anexos*, nos quais o vigor dos seus métodos ou de sua adaptação está ainda nôvo em fôlha.

SEGUNDA PARTE



O ESCOTISMO E A REEDUCAÇÃO

A) Generalidades

Da organização inicial do escotismo, que pouco a pouco atingira rapazes e meninas dos 8 aos 20 anos, novos ramos nasceram espontaneamente. Jovens entusiasmados da aviação criaram o *escotismo do ar*, fervorosos apreciadores da navegação instituíram o *escotismo marítimo*. . . Alguns especializaram-se no canto coral, outros na arte dramática. Examinaremos aqui o escotismo aplicado à reeducação.

Não trataremos do escotismo de extensão propriamente dito, isto é praticado por jovens doentes ou sofrendo de enfermidades físicas,¹ apesar do seu aspecto psico-pedagógico ser importante: contribui de fato para atenuar nesses jovens os sentimentos de inferioridade e substitui os “instintos de morte” por “instintos de vida”, pedindo-lhes o máximo de esforço que possam dar, substituindo as provas do escotismo normal por outras semelhantes, na medida do possível, em vez de suprimi-

¹ O escotismo para excepcionais conta numerosos grupos de cegos, de surdos-mudos, de paralíticos, de cardíacos de tuberculosos ósseos e pulmonares. Cf.: “Le scoutisme et les handicapés”, por P. Morand (tese de medicina, Paris, 1951).

las e fazendo-os penetrar na grande fraternidade escoteira.

Não nos deteremos tampouco no escotismo aplicado aos jovens com deficiência intelectual. É evidente que o escotismo é de toda conveniência para estimulá-los e proporcionar-lhes centros de interesse. Aliás foi para os débeis que os métodos de educação ativa foram primeiramente sugeridos.

Por seus cantos e jogos, pela vida ao ar livre, por suas competições manuais, por seus ritos e insígnias, por seu simbolismo pitoresco, por seu espírito totalmente voltado para a amizade, o escotismo fornece aos menos favorecidos de inteligência uma atmosfera concreta e sensível e um calor afetivo que podem muitas vezes proporcionar-lhes o despertar das faculdades sensoriais, uma sensação de felicidade e o aperfeiçoamento de suas aptidões. Nos grupos criados em institutos médico-pedagógicos, os chefes precisam apenas saber limitar suas ambições, adaptar as provas e não pedir a seus grupos senão atividades acessíveis às suas condições. Devem no entanto aspirar *ao máximo* possível e evitar cair na "puerilidade" sob pretexto de simplicidade e doçura, acusação muitas vezes feita mesmo ao escotismo normal e que é preciso evitar o mais possível em relação aos débeis.

Examinaremos neste estudo os efeitos do escotismo na atenuação e na reversão das *perturbações do caráter* na criança e no adolescente e, em particular, sua ação em face de suas manifestações anti-sociais.

Desde suas origens, o escotismo exerceu uma influência benéfica sobre crianças portadoras de anomalias de comportamento em consequência de causas he-

reditárias ou de condições desfavoráveis de ambiente social ou de família em que foram educados; foi o caso, principalmente, de alguns rapazes recrutados nos bairros miseráveis de Londres e convidados a participar do primeiro acampamento experimental de Brownsea, organizado por Baden-Powell em 1907. Mais do que quaisquer outros, êsses meninos estavam destinados a se beneficiar de um meio melhor de evolução e da influência de educadores competentes.

É o caso também, em nossos dias, de tantas crianças infelizes no seio da família, cujas reações os colocam no rol dos "difíceis" e que, encontrando no quadro de uma tropa escoteira uma atmosfera amiga e a evasão de que precisam, não dão maior trabalho aos chefes. Muitos dentre êles, se não fogem da vida em sociedade, encaminham-se para o escotismo. Êste que, por sua própria natureza, possui uma vocação especial para atrair os jovens "fora do comum" é perfeitamente indicado para acolhê-los e melhorar seu comportamento.¹

Além dessa adesão espontânea de meninos temperamentais, cumpre mencionar o seu encaminhamento ao escotismo por educadores bem inspirados. Pais inquietos a respeito do comportamento de seus filhos ou filhas verificam que "o escotismo lhes faria bem". Preceptores e professôres pensam do mesmo modo em relação a seus alunos. Juízes compenetrados de seu papel de conselheiros pedagógicos e médicos também o aconselham para seus clientes.

¹ Reconheçamos no entanto que um escotismo não controlado por um bom chefe pode agravar em vez de encaminhar as tendências patológicas... Teremos oportunidade de voltar a êsse ponto importante.

Os psicólogos e neuro-psiquiatras infantis, os consultores de Centros de higiene mental e psico-pedagógicos, por seu turno, conhecem bem a colaboração que podem receber de chefes escoteiros.¹

Enfim um número considerável de educadores formados pelo escotismo procurou aplicar seus métodos adaptados ou sem modificação alguma, a crianças temperamentais, quer permaneçam na vida normal, quer estejam em internatos. A cada reunião da Escola de formação especializada de Montesson, mais da metade dos estagiários provêm do escotismo. Uma pesquisa efetuada na "Associação Francesa de Educadores de jovens inadaptados" confirma plenamente essa proporção. Depois de uma reunião organizada sobre o problema da infância socialmente inadaptada, durante o "Jamboree" mundial de 1947, realizado na França, e depois de diversos Congressos internacionais, pode-se estimar que o mesmo fenômeno se produziu na maioria dos países, e tanto na Birmânia e no Ceilão como na Europa.

B) Histórico

Esse escotismo "auxiliar", se empregarmos o termo britânico, também nasceu sozinho. Não foram os comissários nacionais que, sentados diante de suas mesas, conceberam que os princípios enunciados por Baden-Powell poderiam aproveitar aos jovens que apresentassem dificuldades psíquicas. Foram os "elementos de

¹ Cf. S. Marcus, "Le scoutisme comme méthode de rééducation des troubles du caractère chez l'enfant et l'adolescent (A. Legrand); Gilbert Robin, "La guérison des défauts et des vices chez l'enfant" (Domat), §§ 74, 114, 117, 185, 195, 209, 211, 271, 312.

base" do escotismo que se puseram em ação. Ainda aí foi preciso que o grupo diretor acompanhasse para tentar a coordenação das iniciativas dispersas.

Na França, cada uma das 6 associações escoteiras viu-se dotada de um novo ramo. A inclusão desse ramo no escotismo para excepcionais¹ foi unânimemente repelida, pelo receio de suscitar ou reforçar nos adeptos um sentimento de inferioridade, quando nenhuma característica imediatamente visível de fora os diminui e quando a impressão de pertencer à coletividade jovem normal pode, ao contrário, constituir para eles um elemento capital de readaptação social.

A Comissão Federal de Salvaguarda da Infância e da Adolescência do Escotismo Francês reuniu os seis representantes desse ramo especial.² Seu alvo principal é incentivar os chefes do movimento a que se ocupem da juventude socialmente inadaptada. Em segundo lugar, através de visitas, conselhos e fornecimento de informações técnicas, ela se esforça em orientar aqueles e aquelas que decidiram consagrar sua atividade a esse problema.

Para atrair a atenção de novos contingentes possíveis, ela organizou grandes manifestações espetaculares: audição do coral da Escola Théophile-Roussel de Montesson, no "Palais de la Mutualité" (1946), do

¹ Destinado, é preciso lembrar, aos jovens doentes e fisicamente enfermos, no sentido estrito da palavra.

² As 6 associações do escotismo francês são: os "Éclaireurs de France" (aberta a todos), os "Éclaireurs Unionistes" (de inspiração protestante), os "Scouts de France" (católicos), os "Éclaireurs Israélites", a "Fédération Française des Éclaireuses" (comportando uma seção aberta a todas, uma seção israelita, uma seção muçulmana e uma seção protestante) e as "Guides de France" (católicas).

coral do Centro de Reeducação de Ker-Goat em várias cidades da França e em Paris, na sala Pleyel, na sala Chopin e no parque do Liceu Michelet (1947, 1948, 1949), fogo de conselho nas "Arènes de Lutèce", em Paris, pelos rapazes do Centro especializado de "La Source" em Bois-le-Roi.

Mas não basta recrutar educadores. Êsses, lembra o Dr. Le Guillant, não devem ser apenas militantes, precisam tornar-se técnicos. Portanto é necessário abrir seu espírito aos inúmeros problemas trazidos pela observação e pela reeducação. Eis a razão pela qual foram organizadas, a partir de 1945, séries de conferências, ditas de "Meridiano", em Paris (uma vez por semana durante o primeiro trimestre de cada ano), a fim de permitir que sejam ouvidos especialistas vindos de toda parte. Sempre a partir de 1945, e em ligação com os ministérios e organismos competentes, numerosos estágios de informação e de aperfeiçoamento se sucederam, num ritmo de três por ano,¹ geralmente no Centro de Educação Popular de Marly-le-Roi (Seine-et-Oise). Reunindo de cada vez de 60 a 90 estagiários, alternam as exposições teóricas, feitas pelos técnicos mais qualificados, com troca de idéias e de experiências, assim como com atividades educativas variadas, jogos, esportes, cantos, danças, trabalhos manuais, modelagem, arte dramática, etc.

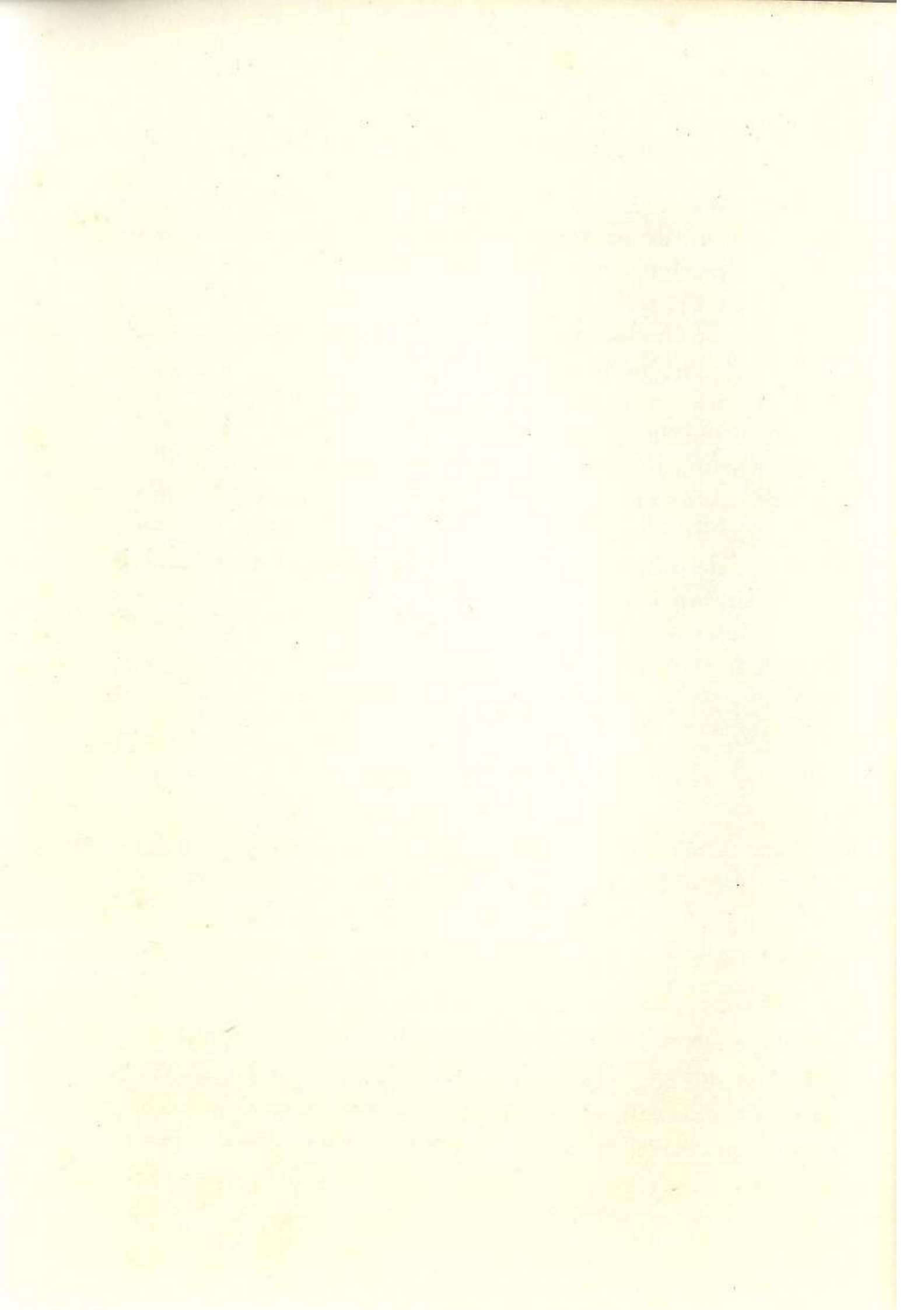
Êsses estágios fazem o papel de isca para as vocações de educadores, de prefácio para as verdadeiras Es-

¹ O dos "Scouts de France" durante três dias em janeiro, e das "Guides" e das "Éclaireuses" por ocasião da festa de Pentecostes ou em novembro, e dos "Éclaireurs de France", aberto a todos, de 8 a 14 de julho, precedendo a Assembléia Geral dos Educadores de jovens excepcionais.

colas de formação de Educadores e de ocasião de aperfeiçoamento, de encontro e de repouso para os educadores já empenhados na ação junto aos jovens inadaptados.

Para manter em contacto, no seio do próprio escotismo, os chefes em função nos organismos de salvaguarda da infância (que não têm por conseguinte mais tempo para se ocuparem de escoteiros e bandeirantes comuns, pois a quinta-feira e o domingo são os dias da atividade mais importante para os educadores especializados), nasceram grupos especiais: "Clã da Porta Aberta", dos "Éclaireurs de France", "Clã do Arco-Íris" dos "Scouts de France", "Clan de la Cordée" dos "Éclaireurs Unionistes".

Numerosos educadores de ambos os sexos, não tendo nunca praticado o escotismo, porém seduzidos pelo seu espírito, pediram para aderir a êsses clãs, fazendo assim um ingresso tardio no movimento.



CAPÍTULO PRIMEIRO

Adaptação do Escotismo à Juventude Socialmente Inadaptada

O escotismo, normalmente praticado, não poderia convir a todos os casos de jovens socialmente inadaptados e desejosos de aderir ou concordando em fazer parte de um grupo. O escotismo nem sempre é bem visto nos bairros populares, por ser considerado "burguês". As despesas que êle traz (uniforme e cota) representam um outro obstáculo à sua introdução nos meios menos favorecidos. Enfim as exigências morais que êle apresenta vão de tal modo adiante dos hábitos e concepções de alguns jovens, que o escotismo correria o risco de não conseguir nada por pedir demais.

Eis porque os chefes de ambos os sexos que, nos bairros mais pobres se dedicam a evitar as manifestações anti-sociais das crianças mais abandonadas, não fazem geralmente uso senão de um escotismo muito atenuado e falam freqüentemente de um "pré-escotismo".

Do mesmo modo, nos internatos que recebem jovens que lhes são confiados pelas famílias, pelos conselheiros de higiene mental ou pelos tribunais, muitas vezes tornou-se necessário adaptar o escotismo, primeiramente em razão das dificuldades sentidas pelas crianças e depois para que o efetivo em seu conjunto e não

apenas alguns voluntários, pudessem usufruir dos métodos empregados.

Seção I

Adaptação do Escotismo na Prevenção das Manifestações Anti-Sociais dos Jovens

Ninguém pensaria em negar o interêsse de prevenir as manifestações anti-sociais de preferência a tentar depois, a maior parte das vêzes em pura perda, combatê-las. Mas também ninguém ignora a pobreza dos meios de que se dispõe na França para operar essa prevenção.

Seria necessário aplicar um largo plano de *procura* na escola (por psicólogos escolares) e na rua (por assistentes sociais, às vêzes pela polícia), de triagem por comissões médico-pedagógicas, conselhos de proteção à infância, consultas de higiene mental, centros de acolhimento e de observação, e enfim, de *reeducação* por aulas de aperfeiçoamento e internatos apropriados. Ora, muitas vêzes só se consegue dar atenção à infância "em perigo" quando já é tarde demais... Visto que o jovem inadeptado permanece tão freqüentemente num meio perversor ou traumatizante, deveria ser levada a efeito uma política de criação, não apenas de estádios e piscinas, mas de "casas para jovens", centros de educação popular... Uma ajuda mais forte deveria principalmente ser dada aos *movimentos de juventude*, que podem oferecer aos inadeptados as condições de uma verdadeira *higiene mental preventiva*. É impressionante constatar que a quase totalidade dos educadores de ambos os sexos que, sem esperar os textos das leis

e as facilidades financeiras ou administrativas, se lançaram em socorro da infância mais ameaçada, eram pessoas formadas pelo escotismo.¹

São antigos chefes escoteiros que, nos bairros miseráveis de uma cidade populosa do norte, recrutam os garotos para pedir-lhes que ajudem a transformar um galpão em ruínas num local acolhedor. É um chefe escoteiro que, em Paris, promove brincadeiras e passeios para as crianças mais abandonadas de uma imensa casa de cômodos. É um outro chefe escoteiro que inicia "equipes de amizade" com jovens colocados nas mais perigosas condições. É uma chefe que decide viver num barraco para ficar mais perto das crianças que deseja proteger. É um chefe que vai procurar nas estações de metrô nas imediações da "Place Pigalle" jovens prostituídos, aprendizes de rufiões ou de bandidos, para abrigá-los numa velha casa que eles reformarão antes de partir para trabalhar em florestas no interior ou para a construção de uma propriedade no sul. Num pôrto do oeste, são os *seniors* e as guias que enfrentam insultos para criar o que chamam um "patronato-betume". Numa cidade provençal, são ainda os chefes escoteiros que organizam os passatempos da garotada cujos pais vivem amontoados numa caserna em ruínas. Noutro lugar é uma chefe que, ao fim de vários anos consegue comprar uma casa com o dinheiro proveniente da venda de objetos de cerâmica fabricados pelos "seus rapazes!" São educadores escoteiros que, com suas "jovens equipes de educação popular"

¹ Não nos referimos aqui aos patronatos e obras para crianças tais quais existem nos bairros populares, mas dos agrupamentos oferecidos às crianças pertencentes ao que tristemente se denominou de "sub-proletariado".

(com as iniciais sugestivas JEEP), arrancam da sarjeta, dos maus costumes e das tentações, grupos cada vez mais numerosos de crianças da capital.

De qualquer modo é evidente, pelos motivos já enumerados, que não se trata do verdadeiro escotismo. Os jovens não usam nem uniforme nem distintivos. Seus grupos não são filiados às associações oficiais. Como porém seus dirigentes não se haveriam de inspirar nos métodos aos quais estão acostumados?

Há sempre "equipes". O "grupo" preocupado em pregar peças, reorganizou-se com melhores objetivos. Sem que o adulto assuma o papel principal, o instinto combativo dos jovens é canalizado, porque as responsabilidades de cada um estão de agora em diante bem delimitadas, as ocasiões se apresentam, em grande número, de descobrir, de construir e mesmo de prestar serviços... Instalou-se uma ordem no caos das aspirações imprecisas. O grupo espontâneo tornou-se uma comunidade. O bando que se formara naturalmente foi socializado, na medida do possível.

Os educadores compreensivos, de quem a "juventude transviada" desconfiava (pois não eram auxiliares da polícia?) acabaram sendo chamados por você, tratados com intimidade, estimados, porque não se deixaram embaraçar desde o início por considerações exageradamente moralistas. Procuraram em primeiro lugar ajudar materialmente êsses jovens, oferecendo-lhes sapatos ou roupa, algumas vezes tratam dêles, dão-lhes comida, arranjam-lhe um quarto para substituir o par-dieiro onde vivem, dormindo numa esteira e cobrindo-se com sacos de batata...

Muitas vezes conseguem com bom modo convencer uma criança a freqüentar a escola (sabe-se que a

falta de freqüência às escolas atinge níveis espantosos em alguns lugares), procuram emprêgo para um adolescente capaz que deseje trabalhar, e depois cuidam em que o ordenado não seja malbaratado pelos pais, se o rapaz mora com êles. Algumas vêzes é preciso conquistar a simpatia de uma "família" hostil.

As atividades programadas consistem principalmente em reuniões, serões, espetáculos, esporte, passeios ao ar livre e acampamentos. O programa deve ser flexível. Surge das necessidades reveladas por situações individuais ou do grupo.

A preocupação dominante do responsável de uma "equipe" deve ser de não contrariar demais, pelo contrário, satisfazer às exigências emocionais de seus jovens camaradas. É muitas vêzes devido à "carência afetiva" em casa que êles se reuniram em grupos espontâneos.¹ É preciso que a equipe continue a ser a turma de "bons sujeitos", procurando compensar, consciente ou inconscientemente, as frustrações de que foram vítimas. Deve-se portanto respeitar a composição da turma, a menos que inconvenientes demasiado graves imponham o afastamento de alguns elementos.

Muitos jovens só manifestam indisciplina social porque o tipo de vida que lhes coube não lhes permite meios de se exprimir, de *se afirmar*. A turma, depois a equipe, têm o papel de satisfazer essa necessidade. O auto-governo que os jovens escolheram sòzinhos, a fim de anular seu sentimento de inferioridade, deve ser incentivado, consolidado pela atribuição de responsa-

¹ J. Chazal, "Les bandes asociales d'enfants et leur réintégration dans les cadres sociaux" (Rééducation, dezembro 1949). "Teen-age gangs" (Welfare Council of New York, editor.)

bilidades precisas, esclarecido pela experiência do educador adulto.

Pois há uma outra necessidade dos jovens, cuja insatisfação pode também explicar os atos de delinquência: a necessidade de segurança. O abandono moral ou físico, ou mesmo a realização de iniciativas pessoais tomadas em condições perigosas colocam na maior parte das vezes seu autor num estado de inquietação, que pode por sua vez provocar infrações. É em parte com a idéia de repartir os riscos entre várias cabeças, que os jovens gostam de se juntar para cometer delitos. A equipe substituindo a turma, deve enriquecê-la com uma segurança apaziguadora e normalizadora do comportamento. Ela deve contentar-se em oferecer, vez por outra, jogos, "aventuras", sem verdadeira imprudência, que correspondam ao gosto superficial do perigo, simples ímpeto de vitalidade, que coexiste no jovem — principalmente naqueles que sofreram traumatismos afetivos — com um profundo desejo de segurança.

A predileção de um grupo pelo que é *secreto*, pelos ritos reservados apenas aos iniciados, é também um fenômeno bastante conhecido. Foi partindo dessa observação que Baden-Powell deu ao escotismo seu caráter de sociedade fechada. Não é portanto necessário dizer que os educadores escoteiros aceitos por uma turma e devotados a ela, devem respeitar suas tradições misteriosas (por exemplo seu desejo de recrutar novos membros por cooptação, seguindo-se um complicado cerimonial de admissão), e seu desejo de manter ela mesma sua disciplina interna pela existência de um tribunal regularmente constituído.

Regularmente... Ninguém ignora, pelo menos através do cinema, que o "meio" é "regular". Esse

vivo sentimento da *honra do grupo* é uma poderosa alavanca para o educador.

Essas crianças ou adolescentes, tão ignorantes em certos setores, tão atrasados em certos pontos, procuram no entanto (sempre por necessidade de afirmação e porque foram marcados precocemente pelas dificuldades da vida) se fazer de homens, mesmo "no duro".

Se um dos membros da comunidade transgride as regras por ela estabelecidas, a sanção se abate, severa, desproporcionada quase sempre com a falta cometida. Na equipe o educador poderá, hábilmente, sem parecer impor seu ponto-de-vista, minorar a pena à mais justa medida.

Se a turma é atacada, física ou moralmente, o revide será terrível. O educador terá muitas vezes grande dificuldade em moderar esse ímpeto agressivo. Poderá dar-lhe, com melhor resultado, outros derivativos, por exemplo organizar entre as equipes competições de força, de habilidade, de esperteza.

Quando houver atingido um estágio bastante adiantado de reeducação, quando tiver conseguido fazer compreender aos rapazes que eles mesmos podem se tornar agentes dessa justiça social na qual eles dizem não acreditar, o educador poderá constituir em ponto de honra para a equipe prestar serviço aos pobres, aos fracos, aos infelizes. . . Essa sublimação das tendências agressivas seria capaz de dar um sentido à vida desses jovens, cuja generosidade, quase sempre escondida, nunca teve oportunidade de se exprimir realmente. E então poder-se-ia ver esses jovens, que antes pareciam essencialmente egoístas, gozadores, hedonistas, que pareciam não ter outro ideal, como diz a canção, senão "que todos os dias

sejam domingo”, elevarem-se até o sacrifício, pela emulação recíproca, pelo desejo de identificação com seu chefe, pela aquisição do sentido social.

A turma que se forma naturalmente não consegue em geral satisfazer as tendências que levaram seus membros a se juntar. Por falta de estrutura completa, talvez pela ausência de fins elevados, de qualquer modo por falta de finalidade consentânea com a vida real, ela deixa subsistir nos jovens um mal-estar, muitas vezes uma verdadeira angústia. Não se sentem satisfeitos. É preciso que o educador, conservando-se muito discreto, deixando-os tanto quanto possível aprender a fazer uso da liberdade, saiba proporcionar-lhes os elementos de equilíbrio, os fatores de sublimação que lhes faltam. Menos pela idéia de proteção social do que de ajuda mútua fraterna. Menos por vigilância pedagógica do que por amizade.

Voltamos exatamente à definição possível do escotismo e à imagem dos primeiros escoteiros britânicos escrevendo a Baden-Powell que haviam persuadido um adulto a se tornar seu chefe, “para que possam divertir-se mais” (térmo que engloba evidentemente a satisfação de tôdas as suas aspirações, conscientes ou inconscientes, de bem-estar).

Para o educador, o momento mais difícil, depois de um encontro aparentemente casual na rua, é a penetração na turma. É preciso freqüentemente muita paciência e habilidade, sempre muita sinceridade e generosidade. Os jovens percebem logo se estão sendo procurados por si mesmos ou se há uma segunda intenção de propaganda política ou religiosa. O que êles desejam é ser amados por si mesmos e tais quais são. “Nossa satisfação — escreve um desses chefes escotei-

ros — reside em que fomos sempre admitidos pelos grupos, que são no entanto selvagens e ciosos de sua independência e que depois de muitos meses de esforços, um bom número dos nossos rapazes nos manifestam sua simpatia e correspondem sem reserva à amizade que lhes oferecemos.”

As funções de reeducador de cura em liberdade reclamam evidentemente um sólido realismo. O hábito de dirigir uma tropa escoteira não seria suficiente para a compreensão de certas situações sociais, de certos comportamentos temperamentais. Os responsáveis por uma equipe de prevenção devem ter adquirido êles próprios um amadurecimento suficiente. Devem usar de uma autoridade simpática, um senso psicológico muito seguro, um devotamento sem limites e uma largueza de vistas que não exclua uma certa firmeza em relação a seus protegidos. Devem procurar agir sempre em conjunto com um médico e os serviços de higiene, com empregadores, organismos escolares, profissionais e de assistência.

Nos Estados Unidos, segundo S. Marcus, a colaboração necessária a êsse tipo de trabalho pôde ser conseguida através de agentes de polícia, que tendo pertencido ao movimento escoteiro, conseguiram transformar em auxiliares da segurança pública os piores elementos de seu bairro. Não se pode imaginar que na França tal cooperação se possa estabelecer... Seria antes simulando uma certa oposição contra os mantenedores da ordem, imagem da sociedade hostil, afetando mesmo, *no comêço*, uma certa cumplicidade com os jovens anti-sociais, que os educadores terão alguma probabilidade de conquistar sua simpatia...

Por outro lado, a experiência provou que os guias competentes da "juventude das ruas" poderiam tornar-se delegados da liberdade vigiada. As *Equipes da Amizade* em Paris, o *Clube dos Intrépidos* em Nancy, por exemplo, nasceram assim, com o apoio do juiz de menores do setor. O título de delegado do Tribunal pode ajudar o educador em certas diligências junto de setores da administração ou dos pais. Pode facilitar sua tarefa junto à polícia no caso de incidentes inevitáveis. O único inconveniente é que constitui no início um obstáculo sério na conquista da confiança dos jovens; será preciso uma explicação franca com êles. Mas êsse inconveniente é largamente compensado pela vantagem de se poder deixar no grupo um jovem delinqüente pôsto em liberdade vigiada pelo Tribunal.

Se bem que fôsse bastante desejável deixá-las conservar um caráter oculto, as equipes de prevenção ou de liberdade vigiada devem em geral constituir-se em associação jurídica, único meio para organizar festas ou tómbolas, ou para angariar donativos e subvenções. Sua missão educativa é de fato grandemente facilitada quando os recursos financeiros lhes permitem fornecer a alguns jovens roupa, comida ou alojamento e a todos horas de lazer bem empregadas e excursões aos domingos e nas férias.

A inexistência na França de um número suficiente de "casas para jovens", e, mais ainda de "clubes" para a mocidade em perigo, como há por exemplo nos Estados Unidos e na Grã Bretanha, torna particularmente necessário um mínimo de equipamento material para as equipes de prevenção. Ora, algumas nem mesmo possuem um local para se reunir... As municipalidades, as Caixas de abono familiar e mesmo — apesar

de que a jurisprudência adotada até agora restringe sua influência ao aspeto médico — as Caixas de Seguro Social (e é mesmo de seguro social que se trata!) têm o dever de fazer nesse terreno o mesmo esforço que realizam em relação aos internatos de reeducação.

Seção II

Adaptação do Escotismo na Reeducação em Internato de Jovens Socialmente Inadaptados

Porque os internatos existem... Quando não foi possível preservar na vida em liberdade os jovens a-sociais ou anti-sociais e quando, depois de uma infração ou um incidente muito grave de comportamento, em casa ou fora dela, ficou patente aos organismos judiciários (ou, de acôrdo com os pais e médicos) a impossibilidade de reintegrá-los na vida de família, torna-se necessário retirá-los do seu ambiente habitual e colocá-los em estabelecimentos apropriados. Qual foi a influência do escotismo sôbre os internatos de reeducação para jovens transviados e delinqüentes?

I. Histórico

Quando em 1936, surgiram violentas campanhas de imprensa contra essas “prisões para crianças” (assim foram denominadas, depois de várias evasões e revoltas, as casas de educação vigiada governadas ou controladas pela administração penitenciária), foi ao escotismo que as altas esferas pensaram em recorrer.

No mês de novembro do mesmo ano, na ocasião em que Baden-Powell foi recebido no Grande Anfiteatro da Sorbonne pelo Presidente da República, o Ministro da Justiça da época, Sr. Marc Rucart, ressaltou o fato de ser êle o pai do escotismo e declarou que iria pedir aos escoteiros que o ajudassem a reformar as casas de educação vigiada.

Pouco depois, essa experiênciã foi tentada na vasta instituição pública de Saint-Maurice, em Lamotte-Beuvron (Loir-et-Cher). A Administração penitenciária tinha solicitado do Sr. Guérin-Desjardins, antigo comissário nacional dos escoteiros unionistas, que recrutasse uns vinte educadores desejosos de experimentar métodos novos. O Sr. Guérin-Desjardins apelou em primeiro lugar para o Ministro da Educação Nacional, que lhe confiou alguns alunos-professôres e jovens preceptores. Organizou-se uma viagem à Bélgica para visitar as instituições existentes e seguiu-se um curto período de estudos em Fresnes.

Os novos educadores se instalaram em Saint-Maurice, sem que, no entanto o sr. Guérin-Desjardins tivesse sido incorporado aos quadros da Administração penitenciária (nem mesmo autorizado a acompanhar seus estagiários a Lamotte-Beuvron!) Simbòlicamente as matracas foram queimadas, as grades arrancadas das celas. Formaram-se equipes com algum entusiasmo aparente dos "pupilos", pelo menos no comêço. Um sôpro nôvo havia penetrado na velha casa.

A imprensa cantou vitória. No entanto não se pode dizer que a "experiência de Lamotte-Beuvron" tivesse sido um sucesso. Os estagiários estavam longe de possuir as qualidades necessárias para sua delicada tarefa. A Administração penitenciária logo se alarmou

com as pretensões pedagógicas dos renovadores. A luta surda que os colocava em conflito com o Ministério da Educação veio aumentar as dificuldades... Quando, no ano seguinte, se tratou de reformar a casa de educação vigiada de Saint-Hilaire (Maine-et-Loire), foram empregados outros meios.

Na realidade, foi depois da derrota militar de 1940 que a iniciativa escoteira pôde mostrar seu valor. O número de crianças delinquentes e vagabundas dobrou, depois triplicou, e foi preciso deixar agir livremente as pessoas de boa vontade. Na Bretanha, perto de Dinan, depois em Seine-et-Marne, em Provins, depois em diversos pontos da França, os chefes escoteiros puseram mãos à obra.

Os heróicos inícios do Centro de Ker-Goat, na Bretanha, já foram relatados.¹ Sem dúvida, a criação de outros Centros representa igual esforço. Sem dúvida também a transformação de uma instituição com métodos anacrônicos é às vezes mais difícil do que a criação de uma nova. Mas a divulgação dada à história de Ker-Goat, tanto pela imprensa como pelas exposições feitas na Escola de Montesson (constituída em 1943), contribuíram largamente para estimular iniciativas semelhantes, a orientar no mesmo sentido os métodos de estabelecimentos de reeducação de crianças levadas à justiça ou colocadas, em consequência de perturbações de temperamento, em internatos médico-pedagógicos.

Muitos "Centros de Acolhimento" (fundados em 1942, a pedido do Juizado de Menores a fim de evitar a permanência nas prisões de indiciados com menos

¹ Cf. "Ker-Goat, le salut des enfants perdus" (*Editions familiales de France*), por H. Joubrel.

de 18 anos), e em seguida verdadeiros "Centros de Observação" regionais foram também organizados por chefes escoteiros ou outras pessoas, no mesmo espírito de trabalho em conjunto e de amizade.

Ker-Goat, declarou o Dr. Dublineau, "marca uma mudança radical na evolução dos métodos de reeducação." Aos olhos de muitos especialistas nos problemas da infância inadaptada, tornou-se um símbolo. Adiante examinaremos suas principais características.

Depois da Libertação, enquanto alguns estabelecimentos do Estado aproveitavam a presença de estudantes transformados provisoriamente em educadores para escapar do serviço militar obrigatório na Alemanha, a tentativa parcialmente malograda em 1937 em Lamotte-Beuvron constituiu um êxito na instituição pública de educação vigiada para m^oças em Cadillac (Gironde): membros do movimento escoteiro conseguiram reformar inteiramente um estabelecimento oficial de adaptação social. Com a ajuda de um magistrado do Juizado de Menores, êle mesmo escoteiro, chefes bandeirantes tomaram o lugar das antigas "zeladoras" penitenciárias. As delinqüentes foram divididas em pequenas equipes, guiadas cada uma por uma educadora. Cantos, jogos, danças, repouso ao ar livre, tudo compartilhado pelas chefes e por bandeirantes, vieram somar-se a uma séria formação profissional.¹ Tornou-se evidente que se havia encontrado o caminho certo, pelo menos quanto às menores menos pervertidas.

¹ Cf. "La Réforme de Cadillac", por P. Lutz, em "Problèmes de l'enfance délinquante" (*Éditions Familiales de France*).

Na mesma ocasião, na grande Escola Théophile-Roussel de Montesson (Seine-et-Oise), uma evolução no mesmo sentido se produzia. O nôvo diretor Sr. Pinaud, tendo recebido uma pesada herança, substituiu progressivamente os estudantes que constituíam o pessoal de que dispunha por chefes escoteiros. Como consequência dessa reforma êle viu pouco a pouco o espírito da casa se modificar. Comunicou êsse fato aos alunos da Escola de Dirigentes, que êle mesmo criara em 1943, e que reunia cêrca de cinqüenta novos estagiários por ano.

A partir dessa época, a adaptação dos métodos do escotismo tornou-se quase geral nos internatos médico-pedagógicos, Centros de Acolhimento, Centros de observação, Centros de reeducação e os lares de meia-liberdade. Essa adaptação era facilitada pelo desenvolvimento paralelo dos métodos ativos de educação ensinados, a exemplo da Escola de formação de Montesson (que sob muitos aspetos lembra os campos-escola do escotismo e seus derivados), nas outras Escolas de educadores abertas na França e nos Centros de educação popular, durante os estágios de formação de monitores de crianças e de adolescentes normais.

Por outro lado, em numerosos estabelecimentos especializados que ainda não tinham podido se transformar, chefes escoteiros e bandeirantes tinham vindo dar demonstrações vivas do interêsse suscitado nos jovens pelos jogos, cantos, arte dramática. . . Internatos muito fechados, até mesmo prisões, concordaram em receber, uma ou várias vêzes por semana, êsses educadores das horas de lazer, e o comportamento totalmente diverso dos educandos nessas ocasiões e na vida de internato orientou os diretores e seus auxiliares para concepções pedagógicas mais liberais, mais arejadas e mais alegres.

II — Métodos Empregados

Se se quizer fixar o traço dominante de uma reeducação impregnada do espírito de escotismo poder-se-ia citar a expressão do Dr. Le Guillant e dizer que essa reeducação é essencialmente *fraternalista*: o educador se apresenta ao jovem como um irmão mais velho, vivendo *inteiramente* com êle, como êle, e pronto a ampará-lo em tôdas as dificuldades.

Antigamente, quando a noção de culpa estava ligada (exceto pelos médicos e psicólogos) a tôdas as manifestações anti-sociais e portanto às perturbações de comportamento na criança e no adolescente, a atitude dos internatos especializados era principalmente *repressiva*. O progresso das idéias e da ciência fizeram desaparecer essa noção, que deu lugar a outra, mais humana, mais compreensiva, porém apenas protetora, paternalista, “caridosa”: não se brutaliza mais o jovem, ao contrário procura-se rodeá-lo de todos os cuidados, porém é suficiente orientá-lo e vigiá-lo, “guardando as distâncias”.

Enquanto certos estabelecimentos dirigidos por médicos ou psicólogos aplicam hoje em dia um método baseado principalmente sôbre uma ação psico-pedagógica individual e espaçada do especialista sôbre a criança (que nós porém tomamos a liberdade de achar fria demais se não fôr acompanhada de uma influência *permanente* do educador sôbre a mesma criança), os “chefes do Centro” inspirados no escotismo esforçam-se por realizar antes de tudo uma *comunidade* viva entre os jovens e êles. Educadores e crianças realizam os mesmos trabalhos, compartilham das mesmas alegrias, efetuam os mesmos esforços. No curso dessas atividades,

das relações entre o adulto e a criança e das crianças entre si, nasce um “espírito” criador do progresso individual.

De outra parte, as principais alavancas do método escoteiro são utilizadas: amizade com o jovem, confiança nêle, criação de responsabilidades a fim de favorecer sua auto-determinação, apêlo ao seu senso de honra, equipes de jovens, educação através do jôgo e da aventura, pelo canto e a representação dramática, pelas insígnias e as tradições, pelo exemplo permanente dos educadores.

Todos êsses métodos não prescindem, é claro, do interêsse e até mesmo da *necessidade* da presença nos Centros de um bom psico-terapeuta especializado na psicologia da mocidade. Mas no “período heróico” das primeiras iniciativas e reformas, nem se cogitava de contar com psico-terapeutas! E já se podiam no entanto registrar resultados de tal monta que incentivavam o prosseguimento da ação no mesmo sentido.

1. *Vida em comum*

Retomemos o exemplo do Centro de Ker-Goat, repetindo que numerosos estabelecimentos foram e são ainda animados por um espírito da mesma qualidade.

Em 1940, rapazes arrancados da prisão por uma assistente social são instalados em uma fazenda abandonada, perto de Dinan, com alguns jovens chefes escoteiros. Depois de um ano vivido em condições miseráveis, outros chefes escoteiros vieram reforçar o grupo. Velhas barracas ofertadas pelo exército são então armadas no meio de juncos e giestas e é lá que vai prosseguir a obra de Ker-Goat.

Chefes e rapazes limpam o matagal para transformá-lo em planalto para alojamento, cuidam das barracas, enfrentam juntos tôdas as obrigações decorrentes da vida de acampamento. Em mesas feitas de táboas os educadores, instalados no meio dos rapazes e não em local separado, alimentam-se da mesma comida frugal.

Não construíram um aposento de cada lado do galpão-dormitório: como seus protegidos, êles dormem numa espécie de caixote provido de uma enxêrga.

Apesar da fadiga dos trabalhos cotidianos, uma hora por dia é reservada à educação física. Seja qual fôr a dureza da temperatura, mesmo no inverno e às vêzes com muitos graus abaixo de zero, os rapazes e seus educadores correm em grupos no terreno que êles mesmos adornaram com diversos obstáculos. Quando mais tarde, por falta de recursos para equipar as oficinas de formação profissional, o Centro passou a não receber senão crianças difíceis em idade escolar (confiadas pelos tribunais), os preceptores (que se ocupam de seus alunos mesmo fora das horas de aula) farão questão de participar dessas sessões de educação física. O jovem diretor (que timbra em se encarregar pessoalmente de um grupo de rapazes nas horas livres) assiste também às aulas de educação física, ministrando-as êle mesmo muitas vêzes.

Em diferentes ocasiões, Ker-Goat atravessou consideráveis dificuldades financeiras. Durante muitos meses, por exemplo, a comida ficou reduzida a pão e batata. Ora, essa penúria não provocou nenhum incidente de disciplina... Por muito menos, em outros estabelecimentos haveria revoltas e fugas! Porém vendo que seus chefes compartilhavam integralmente de sua

sorte, os jovens sentiam-se animados e não desencorajados com a provação.

Essa vida em comum se encontra não só no trabalho como em tôdas as atividades das horas de lazer. O educador joga com os rapazes e muitas vêzes faz parte de uma equipe dirigida por um dos jovens. Junto com êles no côro êle é apenas um cantor no meio dos cantores. Em arte dramática, êle faz um dos papéis secundários para deixar os mais importantes aos alunos.

É nessas circunstâncias que êle pode mostrar suas qualidades de verdadeiro animador. Conselhos e manifestações de autoridade são aceitos com mais facilidade quando se sabe que partem de alguém capaz de se submeter também à disciplina do grupo. Os jovens toleram muito bem que um parceiro apaixonado numa partida de bola volte a ser, cinco minutos depois de acabado o jôgo, seu instrutor e chefe. Compete ao educador mostrar-se capaz de compartilhar das atividades, evitando apenas aquelas em que se poderia revelar muito fraco...

2. *Educação Através da Amizade*

Depois de uma rebelião recente num grande estabelecimento de reeducação para adolescentes, os cabeças da revolta foram interrogados por um magistrado. Por que tinham incitado seus camaradas à desobediência, correndo o risco de graves castigos que lhes seriam certamente impostos? Estariam sendo maltratados?

Os rapazes não se queixavam da alimentação, nem do trabalho, nem das horas de folga, nem do regime do estabelecimento. Tiveram a seguinte resposta, referindo-se aos educadores: "Êles nunca riem conosco."

Essa pequena frase lembra a que ponto os jovens temperamentais mesmo aquêles considerados mais pervertidos, sentem *necessidade de simpatia*. Quase todos sofreram (ou pensam ter sofrido, o que psicológicamente é a mesma coisa), frustração afetiva. Consideram-se incompreendidos. Muitas vêzes odeiam a sociedade porque estão persuadidos de que ninguém gosta dêles.

Instintivamente, os grandes pedagogos sempre trataram com amizade os jovens a êles confiados. Nos internatos modernos, o reeducador comporta-se em relação aos seus rapazes como um irmão mais velho, ou, se é mais idoso, como o pai ausente. Um irmão ou pai ricos de afeição máscula, exigente.

As distâncias entre êles foram diminuídas o mais possível. Os rapazes não chamam o mestre de "senhor" mas, por exemplo, "Chefe Paulo", simplesmente Paulo, ou mesmo por uma alcunha.

Essa familiaridade não impede, evidentemente, o respeito. Ela pode parecer a muitos contra-indicada para rapazes mais velhos, porém já vimos muitas vêzes dar bons resultados, incluindo até o tratamento de "você", sendo no entanto às vêzes aconselháveis outras formas de aproximação. O educador não perde o prestígio, ao contrário, aumenta-o, se se mostra capaz, como veremos adiante, de juntar a essa simplicidade de maneiras uma autoridade simpática e a constatação de suas qualidades pessoais.

Uma festa, num ambiente agradável, chega a parecer uma festa de família. O aniversário de um dos rapazes, o casamento de um educador ou o nascimento de um de seus filhos proporcionam oportunidade para êsses regozijos em comum. Muitas vêzes assistimos a cerimônias nas quais crianças ou adolescentes inadap-

tados compartilhavam de refeições fora da rotina e também da alegria de seus chefes. Para êsses afluíam presentes ou comentários às vêzes ingênuos, provas comoventes de afeição.

Nos internatos menores essa atmosfera nasce evidentemente com mais facilidade. Os chefes escoteiros colocados à frente de estabelecimentos de adaptação social procuram sempre dirigir coletividades mais reduzidas, tanto quanto as necessidades financeiras o possam permitir.

Laços pessoais de amizade não podem existir entre todos os internos de uma vasta instituição. Mesmo que se formem entre os membros de um grupo, acontece que o contato do jovem com o diretor, responsável todo-poderoso, é obrigatoriamente insuficiente, e a própria existência do diretor modifica a atitude do educador de grupo.

Muitos casais escoteiros quiseram fazer uma experiência mais próxima ainda da vida real. Recebem em seu lar, junto com seus próprios filhos, meninas e rapazes inadaptados, de diversas idades. Fórmula essa um tanto perigosa para os filhos do educador, mas que oferece aos jovens inadaptados maior segurança afetiva e melhores oportunidades de desenvolvimento, fora de seu próprio lar. Sabe-se que essa iniciativa é largamente utilizada em vários países e que corresponde a uma tendência muito marcada na França atual. Tais "educadores familiares" consentem que seus jovens pupilos, mais ou menos uma dezena (que não sofram porém de perturbações profundas quer de inteligência, quer de caráter) freqüentem durante o dia a escola ou um trabalho profissional em condições normais, e podem muito bem obter em casos semelhantes um êxito que

não seria conseguido nos internatos habituais. Infelizmente, quase nunca se pode proporcionar o benefício dêsse método a crianças sèriamente enfêrmas.

Focalizamos com insistência a necessidade de afeição. Esta, é claro, não exclui o rigor. Os bons educadores, sabendo conservar-se calmos, usam de tôda a firmeza necessária aos jovens transviados (porque, na maior parte dos casos, faltou-lhes um ambiente de educação) e da qual êles mesmos muitas vêzes sentem falta.

À pergunta: "Que qualidades vocês acham indispensáveis a seus educadores?", muitos rapazes do educandário Hameau-École d'Ile de France (Lengueil-Annel) responderam: "Que sejam severos conosco e não nos deixem fazer bobagens..." Necessidade consciente de submissão a uma autoridade ou inconsciente de se libertar do sentimento de culpa?

É conveniente, no entanto, prever uma diferenciação de influências. Numa equipe de educadores (como nos dirigentes de um grupo escoteiro), um deve concretizar mais especificamente a severidade, lembrando a figura do pai numa família normal. Os outros podem adotar atitude diferente.

Pode-se considerar, a êsse respeito, que a reeducação de forma familiar, isto é, exercida por um casal de educadores (falamos aqui da reeducação em internato, dividida em pavilhões), leva vantagem sôbre a reeducação "fraternalista", tal como a descrevemos. O homem representa naturalmente o papel do pai, a mulher o de mãe. As crianças vivem então ao lado dos adultos de modo efetivamente equilibrado. Em muitos países êsse princípio é aplicado. Na França, a evolução se faz lentamente nesse sentido, tendo se realizado vários

casamentos entre um jovem educador e uma educadora ou assistente social.

Deve-se notar no entanto que nos Estados Unidos por exemplo, considera-se que a espôsa do chefe do pavilhão não figura aos olhos dos jovens como substituta da mãe, porque ela é considerada como aliada do educador, símbolo da autoridade. É a razão pela qual um psicoterapeuta, não residente no pavilhão, intervém para tratar dos conflitos individuais, como um "deslindador de casos" ou uma espécie de "mãe científica" como já foi considerado.

É fora de dúvida que a reconstituição do meio familiar no internato, principalmente para jovens inadaptados, não pode ser senão muito relativa... Por isso, o melhor método a empregar nos parece o seguinte: casal de educadores à frente de uma casa pequena ou, num estabelecimento grande, chefiando um pavilhão de 20 a 25 crianças no máximo, de 10 se possível: professores escolares ou profissionais, monitores de esporte e de recreação fora do pavilhão, e psicoterapeuta. Nessas condições, um bom ambiente afetivo pode ser criado e mantido.

No que se refere aos adolescentes, convém não esquecer o desejo que êles habitualmente têm de escapar da influência dos pais. Para êles a atmosfera familiar é menos adequada do que para as crianças. No entanto, a presença de mulheres no internato, apesar de todos os perigos que comporta, parece, à luz da experiência, muito desejável.

3. *A Educação pela Confiança*

Os educadores escoteiros têm uma tendência — às vezes excessiva de confiar nos jovens a seu cargo. Acos-

tumados a tratar anteriormente com rapazes ou meninas normais, que aderiram *voluntariamente* a um grupo como divertimento, são acusados de não saberem ver a diferença entre êles e jovens temperamentais, submetidos a impulsos muitas vêzes irresistíveis, e sempre afastados de suas famílias por decisão de um serviço de hygiene social ou de um tribunal e, portanto, muito pouco dispostos em geral, a aceitar o gênero de vida que lhes é impôsto.

No entanto, seria fazer pouco caso da intelligência dêsses antigos chefes escoteiros imaginar que êles não equilibram rapidamente essa inclinação adquirida com o sólido realismo trazido pela experiência.

Seria, por outro lado, perece-nos, um êrro pedagógico não utilizar *ao máximo* — ou fingir utilizar — o sistema de confiança em relação à maioria dos jovens temperamentais. Com alguns inadaptados sociais, mantidos anteriormente sob suspeita pelos adultos e por isso mesmo amargos, fingidos, obstinados, êsse método pode produzir um efeito de choque. Ao sentirem subitamente que alguém lhes tem estima, que não são mais acusados de todos os defeitos e, antecipadamente, de tôdas as faltas, muitas vêzes se desfaz nêles aquêle núcleo de hostilidade, e o seu comportamento se vai transformando profundamente. Os gestos de simpatia, inesperados, vão surgindo...

Quando os jovens desajustados são levados a um tribunal, sentem-se em geral, vítimas de uma injustiça. Não aceitam que se decida sua sorte por um só de seus atos. Querem ser julgados por um homem que lhes demonstre simpatia (o único capaz de ser aceito por êles porque, segundo êles, é o único capaz de compreendê-los) e que possa julgá-los com o conhecimento total

da sua personalidade, com os recursos positivos que ela possa comportar.¹

Foi em nome da confiança que se criaram Centros bem abertos, que pouco a pouco se arrancaram as grades, suprimiram-se os cadeados nas antigas casas de educação vigiada, mantendo-os apenas em raros estabelecimentos reservados aos adolescentes considerados perigosos...² Desaparecendo a dificuldade e com a ajuda das "excursões esportivas", as fugas, como é sabido, diminuíram consideravelmente a partir dessa reforma. Pelo menos foi o que sucedeu nos bons internatos, nos quais a atmosfera afetiva é mais forte do que as fechaduras para manter os jovens no grupo. Essas fugas são tentadas agora apenas pelos instáveis, ou recém-chegados que desconhecem ainda o sistema da casa, ou crianças em via de sofrer uma depressão passageira, como poderiam ter em seu próprio lar.

É assim em nome da confiança que os pupilos dos centros são o mais possível enviados para se integrarem na vida normal, em competições esportivas, excursões, acampamentos às vezes em locais afastados. Em 1948, o coral de Kert-Goat foi da Bretanha à Suíça. Os rapazes foram, durante a viagem, hospedados por famílias desconhecidas. Em 1949, todo o efetivo do Centro,

1 Cf. De Greef, "Instincts de Défense et de Sympathie".

2 A Direção de Educação vigiada do Ministério da Justiça possui em Aniane (Hérault) e em Lesparre (Gironde) estabelecimentos que fazem provisoriamente (enquanto não são construídos institutos especiais) o papel de estabelecimentos correcionais fechados, espécie de "escolas-prisão" para rapazes e moças que demonstraram não saber aproveitar um regime de liberdade, no qual eram susceptíveis de corromper profundamente seus camaradas.

inclusive os mais novos, num total de 79 rapazes, ficaram em plena liberdade durante três dias no parque do Liceu Michelet, em Paris, onde se realizava o Congresso Nacional dos Chefes Escoteiros da França. No verão, um grupo acampou na Áustria.

Nessas diferentes ocasiões, nenhum incidente.

O mesmo sucedeu em relação aos alunos de Chanteloup e de Saint-Hilaire recebidos, por iniciativa do escotismo, por famílias da cidade vizinha de Saumur. O mesmo quanto aos rapazes de Montesson (Seine-et-Oise) que foram à Suíça: de Thiétreville (Seine-Inférieure) que excursionaram na Áustria. Poder-se-iam multiplicar ao infinito exemplos desse gênero. A re-educação é um desafio, no qual o êxito inesperado vem muitas vêzes recompensar a audácia.

Mais cedo ou mais tarde, uma grande proporção de jovens inadaptados corresponde à confiança, se ela é concedida de maneira judiciosa, por um esforço sobre si mesmo. Só não é bem sucedida em casos de indivíduos muito pervertidos (cuja situação é difícil de melhorar se bem que não desesperadora), em casos de neuropatia e no caso daqueles que a nossa ignorância nos leva a chamar "perversos".

Em outro trabalho¹ já citamos o comentário de um aluno de Ker-Goat, a um camarada: "Oh, não adianta mentir para o chefe X... êle sempre acredita!" Se bem que êsse exemplo não possa conduzir a um otimismo exagerado, não deixa no entanto de se prender a um princípio pedagógico essencial: nunca se deve dar a impressão de pôr em dúvida antecipadamente o "bom comportamento" de um jovem. É preciso que êle

¹ Ker-Goat, op. cit.

sinta sempre que lhe foi dada uma oportunidade. É preciso também que êle não possa culpar os outros do malôgro de uma experiência liberal. E, em caso de fracasso, é preciso recomeçar essa experiência, com cuidado, porém sem desanimar. Lutar com êle contra um sentimento de inferioridade e de *fatalidade* é o único meio de reformar — ou de formar — sua vontade.

Cumprê ao educador manter uma vigilância bastante discreta, a fim de que lhe seja possível sustar a tentativa no momento propício, a fim de que não degenerere em catástrofe. Cumprê-lhe ajudar os jovens a agirem por si, dando-lhes primeiramente incumbências fáceis e depois de diversos pequenos êxitos repetidos, alargar progressivamente a experiência.

Foi graças a essa “pedagogia da confiança” que, num grande Centro de reeducação nos arredores de Paris, o “prefeito” é um rapaz que, durante muito tempo foi um gatuno inveterado, que muitas vêzes seus dirigentes tiveram vontade de meter na cadeia.

4. *Criação da Responsabilidade, Apêlo ao Senso de Honra e Sistema de Equipe.*

Sendo o escotismo tipicamente um método de educação ativa, os chefes que se tornam reeducadores tendem a estimular o mais possível a iniciativa dos jovens a seu cargo. Procuram combater a apatia, o sentimento de inferioridade, a recusa de adesão por parte de alguns e incentivam o desejo de afirmação de outros. Procuram fazê-lo “colaborar na sua própria educação”.

O educador não perde a oportunidade de confiar *individualmente* uma responsabilidade a um jovem (no dormitório, na cozinha, nas compras, encarregando-o

de mostrar o Centro aos visitantes, etc.). Pede por outro lado ao "sistema de equipes" que desperte em cada um o espírito de solidariedade no seio do grupo. Em certos casos, finalmente, dá a todos a possibilidade de realizar um encargo coletivo: por exemplo participar da construção do Centro onde o grupo residirá e que será aproveitado também mais tarde por outros.

A equipe, num Centro, não é outra coisa senão a transposição, como já dissemos, da "turma" que os jovens de 10 a 15 anos formam espontaneamente na vida livre.² Porém aqui a turma se orienta para objetivos socialmente válidos. Ensina o devotamento a jovens que se haviam tornado ferozmente individualistas devido aos traumatismos afetivos e às dificuldades encontradas no decorrer da existência. Ensina que a influência de seus atos, bons ou maus repercute na vida do grupo. A competição individual, que tantas vezes provoca egoísmo e orgulho, adoça-se numa verdadeira "socialização", num aprendizado da vida adulta na coletividade.

Na equipe, o jovem é muitas vezes encarregado de uma responsabilidade pessoal em proveito do conjunto do grupo. Como numa patrulha de escoteiros, êle pode ser, por exemplo, bibliotecário, guarda do material, redator do "Livro de Ocorrências", decorador do "canto de patrulha", tesoureiro... As meninas, mais ainda do que os rapazes, aplicam-se em tomar muito a peito essas funções.

Os concursos entre as equipes, comportando diversos setores (limpeza física e moral, pontualidade nas reuniões, arrumação dos cantos de patrulha, "pesqui-

² No instituto Hameau-École (*île-de-France*), a equipe denomina-se "Manípulo" e compreende 5 rapazes e um chefe.

sas" coletivas, por exemplo), são às vezes promovidos para incentivar a animação dos grupos e, portanto, de cada jovem a serviço do seu grupo.

Para o educador impregnado dos métodos pedagógicos ditos "novos", a tentação é forte de fazer o chefe da equipe ser eleito por seus companheiros e investi-lo de muitas prerrogativas. Muitas vezes essa experiência foi feita e às vezes com bons resultados. Assim se pôde observar que jovens bem dotados no plano intelectual, porém sem dinamismo, adquiriam mais animação e autoridade: jovens com tendência paranóica, satisfaziam uma necessidade de domínio, descobrindo ao mesmo tempo os limites de suas possibilidades e de seus direitos sobre os outros.

No entanto muitos diretores de Centros, depois de experiências mal sucedidas, chegaram a uma concepção mais restrita do simples "responsável pela equipe", que não tem o verdadeiro comando dos companheiros nem a faculdade de avaliar seu comportamento, porém apenas fica encarregado de estimulá-los em ocasiões previamente determinadas: reuniões, jogos, execução de diversos serviços coletivos. . . Um educador, quase sempre ao lado do "responsável" faz então o papel de verdadeiro chefe da equipe.

É evidente que tudo está na dependência da natureza dos jovens e da capacidade educativa dos chefes. Um mau dirigente de equipe pode ver somente o lado bom de sua função, abusar de sua autoridade e, seja por fraqueza, seja por cumplicidade (onde também se pode ver, aliás, apenas solidariedade. . .), fechar os olhos para as "irregularidades" cometidas por seus companheiros. Pensamos no entanto que ainda aqui é preciso correr o risco. Não se pode perder uma oportunidade

de êxito, impossível por outros processos. Para não faltar à prudência, sempre necessária, (principalmente para evitar a prepotência) deve-se fazer a eleição do chefe de equipe com um mandato limitado, de três meses por exemplo. A experiência ensina, além disso, que só se deve tentar êsse sistema com crianças e não com adolescentes.

Sabe-se até que ponto, sob outra forma, os educadores ousaram pedir a jovens considerados "difíceis" que administrassem seus próprios negócios. Nas "vilas de crianças" da Suíça (Pestalozzi), da Itália (Civita-vecchia, La Rasa, Pisa, Lanciano...), da Austrália (Centro do R. P. Dunlea), nos Estados Unidos da América (Boys Town, Dobbs Ferry), da Hungria, da U.R.S.S. e da França (Moulin Vieux em Isère, Longueuil-Annel no Oise), rapazes são investidos, pelo voto de seus companheiros, das responsabilidades de prefeito ou presidente do Conselho, conselheiro municipal, ou ministro, juiz, síndico, capitão de grupo, etc.

Sem dúvida há freqüentemente, na propaganda em tôrno dessas iniciativas, uma boa parte de exagêro jornalístico... Sem dúvida, algumas dessas "vilas", principalmente na Itália, recebem mais crianças *abandonadas* do que *débeis* ou *temperamentais*... De fato, é sempre necessário, na verdade, se se quer que a liberdade não degenere em anarquia, que os adultos permaneçam por trás das crianças (às vêzes, são elas mesmas que virão pedir aos adultos para restabelecer a ordem ou propor atividades interessantes).

Nem por isso é menos verdadeiro que essas "audácias pedagógicas" repousam sôbre uma realidade psicológica profunda, muitas vêzes enunciada por Baden-

Powell: "Dai às crianças responsabilidades verdadeiras: ficareis surpreendidos com os resultados."

Foi o êxito de sua experiência de Mafeking, é preciso lembrar, que lhe deu a idéia de oferecer o escotismo aos rapazes.

Uma circunstância em que a autodeterminação dos jovens poderá se exercer melhor é sua intervenção depois de uma falta grave cometida por um companheiro. Êles tomam muito a sério o papel de juizes, principalmente se contribuíram anteriormente, pelo voto, para a elaboração do regulamento do Centro, chamado "carta" ou "constituição". A "lei do clã" foi violada, êles precisam castigar a infração.

Na "Côrte de Honra" reunida com solenidade¹ e em tudo semelhante à que se reúne numa tropa escoteira, os jovens magistrados escutam com severidade as explicações do acusado, o requisitório e a defesa. Porém em geral dão prova de um rigor tão excessivo, que os educadores são levados a pedir-lhes para os culpados uma atenuação da pena.

O tribunal juvenil, com efeito, não deve ser um método nada cômodo para os dirigentes se desobrigarem de uma função delicada e de decisões que poderiam suscitar críticas e espírito de oposição por parte dos jovens: a finalidade é mostrar-lhes as necessidades da vida social, que êles ainda não apreenderam bem: porém é preciso conservar para um caso de necessidade e mesmo às vêzes à custa de um ato de autoridade difícil, o poder de decisão. É preciso não esquecer que o princípio da irresponsabilidade penal dos menores está

¹ No instituto Hameau-École de Longueil-Annel, o presidente do Tribunal usa uma toga preta com sobrepeliz vermelha...

baseado na insuficiência do seu amadurecimento mental: seria então possível deixá-los julgar sòzinhos os outros, quando não foram considerados competentes para julgar sua própria conduta? É preciso também lembrar que na mesma medida em que sofram de debilidade ou perturbações de caráter, não podem proferir sentenças justas...² O “tribunal juvenil” é portanto uma instituição que só se pode pôr em funcionamento com extremo discernimento e em ocasiões realmente excepcionais.

No desenrolar das atividades normais do estabelecimento, os jovens podem ser encarregados de diversas missões: assim, dando uma tarefa em competição entre as equipes e com dinheiro especial do Centro (que tenha porém poder aquisitivo), um grupo se dedicará a um trabalho coletivo, como a limpeza de uma parte do terreno...; outro grupo cultivará uma pequena horta, vendendo o que produzir à despesa do Centro; outro criará coelhos ou mesmo cabritos; outro fará “iogurte”; outro publicará um jornal, recrutando assinantes; outro fabricará objetos de cerâmica e poderá vendê-los fora; outro organizará representações diversas, cobrando

² Muitas vêzes são apresentadas outras razões ainda contra o “tribunal juvenil”: é preciso preparar os jovens para a vida normal, na qual, como adultos, não serão julgados por seus iguais; é preciso oferecer-lhes uma imagem da vida de família, na qual sua conduta seria apreciada pelos pais; se foram levados a um tribunal, certamente guardaram dêsse fato uma recordação traumática, que muito raramente convém reavivar; mesmo em relação aos outros, caso sofram de um complexo de culpa, não convém entretê-lo, etc. Por tôdas essas razões, muitos estabelecimentos que recorriam com freqüência a êsse sistema não o fazem hoje em dia senão muito raramente.

ingresso aos companheiros, etc. Êsses exemplos levados a efeito têm dado ótimo resultado.

Para desenvolver a autodeterminação dos jovens, são também muito importantes as reuniões dos dirigentes do Centro com os chefes ou responsáveis das equipes. Êstes dão sua opinião sôbre o funcionamento da casa e sôbre o interêsse das atividades realizadas. Propõem reformas e essas propostas serão levadas em conta se forem razoáveis. Dão seu parecer sôbre as diversões a serem organizadas, especialmente as saídas, os acampamentos, as excursões.

Essa participação dos jovens nas críticas necessárias, na elaboração dos planos (participação evidentemente muito mais difícil nos internatos onde os alunos são muito numerosos, mesmo quando é empregado o sistema de pavilhões) facilita enormemente sua socialização e a criação de um "espírito" na instituição.

Sem ir tão longe quanto numa tropa de escoteiros, devido às deficiências especiais apresentadas pelos jovens, o princípio básico permanece o mesmo: deve-se procurar interessar o mais possível o jovem na sua própria educação.

*

* *

A "vida em equipe" não deve prosseguir artificialmente durante todo o dia. Num internato de efetivo numeroso, a equipe ou o grupo substituem a família. Ora, na vida normal, o jovem se separa dela para ir à escola ou à oficina e também para se divertir. Muitas vezes se cometeu o êrro de querer deixar sempre os jovens de uma equipe uns com os outros. Assim alguns ficaram impedidos de se desenvolver como o te-

riam podido, em contacto com outros companheiros e também fomentou-se a rivalidade entre as equipes em detrimento do “espírito do Centro”.

É preciso que na hora dos jogos e das conversas em liberdade, os jovens possam se reunir de acôrdo com suas afinidades e preferências. O mesmo se pode aplicar ao esporte e às horas de lazer, às diversas “oficinas”: cerâmica, marionetes, modelos em miniatura, cineclubes, etc. A mesma coisa para o escotismo pròpriamente dito, quando, como veremos adiante, êle fôr praticado no internato ou fora dêle.

5. *Educação pelo Jôgo e pela Aventura*

Um dos traços dominantes do método escoteiro, como já dissemos, é a importância do jôgo. “O escotismo é um jôgo cheio de entusiasmo”, escreveu Baden-Powell. Quando a educação tradicional *tolerava* o jôgo como uma distração, porém não o incentivava (com a idéia de que a criança devia o mais ràpidamente possível deixar de ser criança para se entrosar na disciplina do adulto), o escotismo — e todos os métodos de educação ditos “novos” — encontram nêle um meio excelente de formar o caráter e a inteligência da criança e mesmo de contribuir para sua aprendizagem da vida social.

Nos internatos de reeducação, onde antigamente o jôgo era incompatível com uma concepção punitiva (e onde só eram permitidas monótonas marchas no pátio “do recreio”), hoje se joga *muito mais* do que num internato de crianças normais; jogos dentro de casa, desenvolvendo a observação, a memória, a seleção; jogos

gamente... Porém a fadiga veio logo juntar-se à reflexão para levá-los a uma atitude mais respeitadora das tendências profundas de cada jovem. Eles procuram evitar um estado de tensão de dezesseis horas sobre vinte e quatro e contentam-se em prestar atenção enquanto os alunos se divertem.

Para os adolescentes, as horas de completa liberdade são evidentemente mais necessários do que para as crianças. Gente môça gosta de escolher o que lhe apraz: pingue-pongue, baralho, dominó, leitura, trabalhos manuais...

Quanto ao cinema, em vista da importância que adquiriu, acabou entrando nos Centros de reeducação. Ele constitui uma folga para os educadores e para seus pupilos e suprime bastante as "procuras de atividade".

*

* *

Como em tôda escola ativa, os instrutores especializados saídos do escotismo procuram dar ao ensino um ritmo cheio de vivacidade, onde o jôgo ocupa um lugar importante.

Em Ker-Goat, por exemplo, as aulas são locais de pesquisa e de competição por grupos onde muitas crianças se distraem a ponto de não sentir o passar do tempo. O sistema escoteiro dos "distintivos de especialidade" é empregado para estimular os alunos a adquirir conhecimentos. O trabalho se faz muitas vêzes por equipes e são instituídos concursos entre as equipes. Os recitativos de textos se fazem em grupo. Representações dramáticas vêm ilustrar episódios da história. A busca de documentos dá ocasião a pesquisas em jornais, re-

vistas ou livros, assim como à procura de informações na natureza ou nas pequenas localidades vizinhas.

Sem dúvida êsses processos estão hoje generalizados pela escola nova. Os grandes pedagogos não precisaram de Baden-Powell para descobrir essas leis do interêsse da juventude e foi, pelo contrário, o fundador do escotismo quem se inspirou em muitos dêles. Porém, muitos "militantes" dos métodos modernos foram recrutados no escotismo, por exemplo os altos dirigentes dos "Centros de treinamento dos métodos de educação ativa", que exerceram e exercem uma influência tão preponderante sôbre a evolução pedagógica na França e mesmo em diversos países vizinhos.

*

* *

Indo mais longe do que o jôgo comum, os Centros de reeducação dirigidos por chefes escoteiros fazem também apêlo ao espírito de *aventura* de seus rapazes. Ê com efeito freqüentemente o gôsto do perigo e a busca do extraordinário, acentuados muitas vêzes por certas tendências temperamentais que os levaram a praticar atos anti-sociais. Um romance, um filme, uma notícia policial num canto de página podem ser suficientes para provocar em alguns rapazes a fuga, o delito e até mesmo o crime.

Aqui também o jôgo servirá de derivativo a uma imaginação exuberante. Mas tomará nesse caso uma forma "sensacional": será o grande jôgo "com história", tão diretamente inspirado pelo escotismo. A lenda ou a atualidade multiplicarão o interêsse de um banal "roubo do lenço" ou "procura do tesouro": a descoberta de um sábio da Antigüidade, as aventuras de

um cavalheiro, o salvamento de um Dakota, a luta pela bomba atômica, uma expedição missionária, a escalada de uma montanha, eis aí as peripécias que se oferecem.

Poder-se-ia pensar que só as crianças acham graça nessas fabulações. É surpreendente constatar, ao contrário, que os adolescentes, já bastante marcados pela vida, que já andaram, por exemplo, às voltas com a polícia e a justiça, manifestando freqüentemente no seu comportamento habitual uma atitude de “duros” e de “enfarados”, apaixonam-se por êsses grandes jogos depois de alguns ensaios praticados evidentemente sem entusiasmo.

Porque o jôgo encarado dêsse modo, possui um enorme valor de “renovação”. Mesmo jovens que, nos Centros de reeducação, apresentam um nível intelectual e afetivo normal — o que é raro — deixam-se levar pelo caráter entusiasmante dessas façanhas ricas de imprevisto. E muitos educadores não são, no auge do movimento, os menos sinceros.

Pode-se pretender que essas fantasias sejam perigosas, porque “puerilizam”, afastam da vida real. O argumento não nos parece válido. As leituras e espetáculos produziriam o mesmo resultado, apenas com a diferença que os leitores e espectadores permanecem passivos, remoendo seus sonhos. Aqui há ação, há conquista. Na realidade o adolescente gosta do jôgo mas não o confessa. Se se vê forçado a entrar nêle, sente-se feliz. Compete ao educador compensar por uma atuação apropriada, o caráter fictício dessas aventuras.

Os grandes jogos se realizam às vêzes na pequena cidade vizinha, complicando-se pela utilização rápida de meios de transporte e comunicação. Podem ser feitos à noite, mesmo em matagais escuros... Prolongam-se

frequentemente por vários dias, desdobram-se em pesquisas nas localidades percorridas e na procura de meios engenhosos — porém legais — para conseguir comida e dormida.

Essas quebras do horário habitual do internato, se não são demasiado frequentes e se fôrem hàbilmente aproveitadas, têm o melhor efeito sôbre a maior parte dos internos: estimulam os lentos e satisfazem o ímpeto vital dos outros.

Outra modalidade de aventura é o acampamento. Todos os diretores de Centros acentuam a atração considerável exercida pelo acampamento sôbre os jovens. Sua prática é hoje em dia generalizada fora de todos os internatos de reeducação. Pode-se garantir que o mérito é inteiramente devido ao escotismo.

Ao ar livre, os alunos de um estabelecimento especializado se sentem “viver” porque se sentem livres. Seus contactos afetivos com os educadores acentuam-se consideravelmente porque todos encontram dificuldades e satisfações inesperadas. Seu estado geral melhora. Sem querer incorrer em excesso de “bucolismo”, pode-se dizer que o contacto com os animais, as plantas e os elementos parece alargar os horizontes, tonificar... Será uma explicação da alegria manifestada pelos jovens acampados em pobres barracas plantadas na charneca, como em Ker-Goat, enquanto pupilos de estabelecimentos bem mais luxuosos não parecem apreciar o conforto de que são cercados?

Ker-Goat não é, no fundo, senão uma escola ao ar livre instalada num acampamento permanente. No instituto Hameau-École em *Île-de-France*, cêrca de trinta adolescentes escolheram viver em barracas, mesmo em pleno inverno, e nelas se sentem muito melhor do que

no grande castelo onde estão instalados seus companheiros.

Os jovens temperamentais sentem-se ainda mais felizes quando o acampamento se transforma, durante as férias, em *acampamento volante*. O diretor do Centro de observação de Poitiers, chefe escoteiro, depois de ter proporcionado a seus rapazes, durante vários dias, uma expedição de mais de 100 quilômetros a pé, sem outro material senão barracas e cobertores, nota “um espírito magnífico”.

Um educador do instituto público de educação vigiada de Saint-Jodard, chefe escoteiro, depois de ter lançado seus rapazes sòzinhos pelas estradas de Vercors (êle ia na frente, de bicicleta, para preparar os pontos de parada), dá conta do interêsse que demonstravam pelas novidades do caminho, sua alegria ao tomar iniciativas reais, trazendo conseqüências que êles mesmos deviam enfrentar.

Alguns acampamentos volantes se realizam em rios, em caíques construídos pelos próprios rapazes (alunos maiores da Escola Théophile-Roussel, no verão de 1950, por exemplo), outros são feitos fora das fronteiras. Durante o mesmo verão de 1950, 63 adolescentes temperamentais do Centro Mertian em Andlau (Baixo-Reno) efetuaram com suas barracas um trajeto de 550 quilômetros a pé, na Itália. Dez jovens do Lar de Melun, em regime de meia liberdade, percorreram a Holanda de bicicleta. Seria possível imaginar uma coisa dessas há dez anos?

6. *Educação pelo Canto e a Representação Dramática*

Como em todos os movimentos de juventude, canta-se muito nos internatos de reeducação. Isso também

é devido ao escotismo ou aos autores e animadores (Lemit, Geoffray, Cockenpot, etc.) que dêle vieram.

O canto cria uma atmosfera alegre, estimula as energias, desperta o gosto pela música. Porém, aos jovens temperamentais êle oferece ainda outras vantagens. É uma escola de paciência, de fixação da atenção. Demonstra também a importância da solidariedade: se um só dos executantes desafina, tôda a harmonia se quebra.

Numerosos centros possuem um coral e os ouvintes sempre notam a verdadeira transfiguração que se opera nas fisionomias durante a execução de um canto bonito. Em Ker-Goat, meia hora por dia é consagrada ao canto em conjunto com várias vozes. Recitais públicos são organizados no Centro e fora dêle, às vêzes em locais bastante afastados.

A representação dramática tomou igualmente um lugar importante nos programas de distração dos internatos especializados. Graças porém ao comissário escoteiro Léon Chancerel e seus alunos (Grenier e Susenot, principalmente), graças também ao copioso repertório que êles escreveram especialmente para grupos de jovens, foram desprezadas as "peças para colégio", mais recitadas do que representadas, freqüentemente vulgares ou de moralismo ingênuo: foram escolhidos textos cheios de humorismo e poesia, abertos a uma alegre improvisação. São interpretados depois de um treino progressivo, de exercícios de ritmo e flexibilidade (executados ao som de um pequeno tambor e com máscara), de expressões puramente corporais, para exteriorizar os sentimentos, "viver" as situações e os acontecimentos.

É desnecessário ressaltar aqui o valor desses exercícios, especialmente para os instáveis ou os que padecem de deficiência motora. Por outro lado, o uso da máscara e a representação em conjunto porém, assim como o canto coral, tornar mais modestos os orgulhosos e dar a todos um sentimento de comunidade.

Durante os serões e principalmente os fogos de conselho, as equipes têm liberdade de escolher temas ou de realizar variações sobre temas dados. Se o educador é perspicaz, é uma excelente oportunidade de observação e mesmo, através das interpretações do psico-drama, de reeducação.

Baden-Powell, no seu primeiro livro: "Escotismo para rapazes" já aconselhava aos chefes escoteiros que sugerissem a seus rapazes que inventassem situações. Bastou seguir essa recomendação, inspirando-se na técnica moderna de teatro para a juventude.

7. *Distintivos e Tradições*

Os jovens têm marcante predileção pelos distintivos e já examinamos como o escotismo pôde contentar essa preferência nos seus grupos comuns.

Em diversos Centros de reeducação foram tomadas iniciativas nesse sentido. No instituto "Hameau-École de Île-de-France", em Longueil — Annel (Oise), que se inspira no princípio das repúblicas de crianças, os rapazes considerados por seus companheiros dignos de receber o título de "cidadãos" (depois de terem passado provas análogas às dos escoteiros, previstas na "Constituição" votada pelos jovens), podem ostentar um galo como distintivo. Um "passaporte" lhes dá o direito de sair do Centro e de possuir um talão de cheques espe-

cial, válido para o banco e a moeda do estabelecimento. Diversas condecorações, entregues por ocasião de cerimônias, foram instituídas: medalha do trabalho, insígnia de “operário da linha de frente”, de “cavalheiro do galo”, etc. O rapaz encarregado da “vigilância”, e que é diariamente substituído, usa no ombro uma braga-deira branca.

Insígnias semelhantes eram entregues, no colégio vizinho de Chantecler, em Clairoix, antes de seu fechamento; êsse instituto era destinado a jovens temperamentais que seguiam cursos de estudo secundário e era dirigido por chefes escoteiros.

Em Ker-Goat, o escudo do Centro, com a inscrição “Duro como a rocha” (símbolo concretizado pelas pedreiras de granito do local), só é concedido àqueles que o merecem e pode ser tomado em consequência de uma falta grave.

Poder-se-iam multiplicar os exemplos... Contemos-nos em ressaltar que êsses sinais exteriores de mérito se integram numa atmosfera de *tradição*, que contribui para a formação do “espírito” do Centro. Muitas instituições dão realce ao içamento da bandeira, diário ou semanal (içando também a bandeira do país de visitantes estrangeiros). As refeições começam muitas vezes, (também como no escotismo), por um cântico ritual. As visitas são recebidas com um cerimonial especial. Gritos, proclamações dão relêvo a êsses acontecimentos. Em Ker-Goat, uma vez por mês, durante uma cerimônia denominada “Le Relais”, o chefe do Centro comunica suas impressões, a todos os rapazes reunidos, sôbre o período anterior.

Os jovens, temperamentais ou não, quando chegam à idade de 10 a 15 anos (ou sofrem, mais tarde, de um

retardamento mental ou afetivo), tomam muito a sério tôdas essas modalidades de organização da vida em comum e o internato lhes parece tanto mais agradável quanto melhor corresponde aos seus sonhos.

8. *Exemplo Permanente do Educador*

No curso dos debates que se seguem às conferências públicas sôbre reeducação, é freqüente um ouvinte perguntar: "Mas vocês não *lhes* pregam moral?"

Desde algum tempo já se abandonou até a vontade de fazê-lo. A criança que parece prestar uma atenção angélica ao pregador está pensando numa formiga guardada numa caixa de fósforos no seu bôlso e que pode fugir... O adolescente que escuta, impassível, um sermão, reage no íntimo e pensa na sua gíria, que tudo aquilo é "conversa mole".

Ou o rapaz não entende o que se está dizendo ou não se interessa pelo assunto, ou se recusa a aderir.

A melhor maneira de melhorar o comportamento das crianças e adolescentes, de atraí-los "para o alto", de formar sua consciência moral, é certamente fazer-lhes observações quando necessário, porém sem discursos, sem "lições" (as menos talvez rápidas "palavras de ordem" coletivas, em ocasiões excepcionais), proporcionar-lhes condições favoráveis a uma boa evolução física e psíquica, tratar dêles quando necessário, porém acima de tudo colocar diante dêles *exemplos que possam seguir*.

Os jovens anti-sociais odeiam muitas vêzes a sociedade porque ela os decepcionou. Ao contrário do que se poderia pensar, sentem algumas vêzes uma sêde de absoluto mais forte do que os demais jovens, porque as

perturbações de seu caráter ou as experiências que viveram os tornaram mais exigentes. Não acreditam mais na bondade, nem na justiça, nem na amizade, porém — inconscientemente — gostariam ainda de acreditar, porque são infelizes.

É preciso oferecer-lhes desmentidos tangíveis às imagens maldosas gravadas em sua lembrança. É preciso mostrar-lhes homens e mulheres dignos de admiração.

Diz-se que o adolescente, de modo especial, tem o “culto do herói”. Procura em volta de si e, não encontrando, procura nos livros ou na tela personagens com os quais se possa identificar, modelos daquilo que êle poderia ser. Atrás de atitudes relaxadas e mesmo, às vezes, de um comportamento de aparência contraditória, êle esconde quase sempre um grande desejo de pureza, de nobreza.

Se se apresentam aos jovens inadaptados educadores que êles possam imitar, pode-se fazê-los aceitar os valores admitidos por êsses educadores e assim contribuir para sua auto-superação.

Pondo de lado penosas exceções (porém não basta, repetimos, se proclamar chefe escoteiro para ter o direito de representá-lo), os chefes escoteiros que se tornam educadores podem sofrer a indiscrição de uma atenção sempre alerta e nem sempre benevolente, da parte dos jovens. Êles assumiram um compromisso moral que regula sua existência. Se constituíram um lar, desejam que sua família seja orientada pelos mesmos princípios. Querem que se possa observar sua vida particular sem sofrer desilusões.

Eis sem dúvida por que certos educadores, mesmo muito preparados, não conseguem exercer sôbre seu

alunos o mesmo prestígio, a mesma influência; é porque sua conduta pessoal não é inatacável. Um jovem inadaptado social (principalmente quando não teve um lar normal) *precisa de alguém em quem êle possa acreditar.*

Os chefes escoteiros que se tornam educadores são freqüentemente muito jovens. Porém é da maior importância e mesmo indispensável que o diretor, o médico, o psicólogo de um Centro possuam amadurecimento e experiência e não é nada mau que os educadores "de contacto", sendo no entanto homens feitos, pertençam a uma geração intermediária entre os jovens e êles. Assim poderão ter conservado bem fresca a lembrança de sua adolescência, possuindo resistência física, entusiasmo, ardor na luta e corresponder às exigências. Estarão igualmente em condições de aceitar qualquer tarefa, mesmo humilde, e fazer o papel de irmãos-leigos da reeducação: sempre prontos a servir, misturados com os jovens no trabalho, continuamente lidando ombro a ombro com êles.

Qualquer que seja sua idade, os chefes escoteiros pertencentes aos quadros dos Centros especializados oferecem uma referência: a de se terem interessado espontânea e gratuitamente pelos jovens, antes de se tornarem profissionais. Essa forma primitiva de sua atuação pedagógica, êles não a esquecem e sabem quais são as obrigações morais implícitas nela.

Quando todo o contingente de um estabelecimento provém do escotismo, deve resultar daí uma coesão mais estreita, um "espírito de equipe" nascido de recordações semelhantes e de uma formação idêntica.

CAPÍTULO SEGUNDO

A Prática do Escotismo pelos Jovens Temperamentais e Anti-Sociais.

Já se viu como o escotismo influenciou os métodos atuais de educação e de reeducação e seu nome continua sempre em dia. Já tentamos mostrar até que ponto seu espírito anima de alto a baixo estabelecimentos inteiros e pode chegar a suscitar ou despertar entre jovens transviados qualidades de entusiasmo, generosidade e audácia.

Conservará êsse escotismo tão vulgarizado, tão adaptado, seu valor original? Será necessário sugeri-lo ainda, como escotismo pròpriamente dito, a jovens temperamentais e anti-sociais?

Seu interêsse persiste, certamente, para crianças e adolescentes inadaptados não mantidos em internatos. Veremos agora que auxílio êle pode prestar aos pais, aos psicoterapeutas, aos encarregados de lares de meia-liberdade.

E nos estabelecimentos de reeducação?

Se os processos pedagógicos e mesmo o espírito do escotismo de um modo geral marcar de agora em diante êsses estabelecimentos, será provável que os alunos ainda desejem se filiar a êle?

Será necessário que o escotismo comum continue, do exterior, a trazer sua ajuda a certas obras de proteção à infância e à adolescência?

*Seção I**Prática do Escotismo em Cura Livre por Jovens Portadores de Perturbações do Caráter*

Ao lado dos “hiper-tônicos”, cuja conduta só pode ser normal quando um campo suficientemente largo se abre a seu impulso vital, ao lado também dos “super-dotados” que precisam de um terreno onde exercitem suas preocupações precoces, algumas crianças ou adolescentes atingidos por perturbações de caráter diversas sentem-se naturalmente atraídos pelo escotismo. Sofrem de frustração afetiva devida a uma dissociação familiar, às condições educacionais em que a vida os colocou, ou (devido a causas hereditárias traumáticas ou infecciosas) a anomalias bio-psíquicas. Em reação permanente contra o meio, êles se consideram incompreendidos. E essa sociedade autônoma de jovens, onde parecem reinar a maior liberdade, a mais sedutora fantasia, num quadro de atividades apaixonantes, sob a direção de chefes muito diferentes dos adultos comuns, essa sociedade lhes desperta inveja..

Pode-se garantir que em cada tropa escoteira refugiam-se alguns jovens que agravariam os conflitos familiares ou cometeriam atos puníveis pelas leis penais caso fôsem obrigados a permanecer continuamente em casa ou a se submeter aos constrangimentos habituais impostos a seus companheiros da mesma idade. O escotismo representa para êles um papel de *prevenção*. Nêle encontram uma sociedade na sua medida, um ambiente adaptado à sua própria desadaptação, uma fraternidade benévola, atenciosa, onde se podem mostrar

a uma luz inteiramente nova, “reconstruir-se” esquecendo o passado, fazer descobertas e principalmente *agir*.

1. Assim como a lâmpada atrai as borboletas, o escotismo capta particularmente os *instáveis psico-motores*¹ sempre em busca de movimento e de atividades novas e portanto candidatos a fugas, vagabundagem e a tôdas as infrações penais que podem decorrer dessas tendências.

As inúmeras oportunidades de trabalho manual que êle oferece, seja na sede na cidade, seja principalmente ao ar livre, são um excelente meio de fixar a atenção dêsses instáveis.

Os benefícios físicos que êle traz a sua saúde contribui para atenuar sua necessidade desordenada de atividade.

As excursões, os acampamentos, as viagens, os grandes jogos, tôda a atmosfera secreta de uma sociedade fechada podem satisfazer seus sonhos míticos ou mesmo mitomaníacos.

As responsabilidades no seio da patrulha, a necessidade de não prejudicar, por excesso de fantasia, o valor do grupo, o receio de desagradar um chefe cuja autoridade foi livremente aceita, a aquisição de senso social podem, na medida do possível, estabilizar essa categoria de jovens. Um de nossos melhores educadores pôde dizer, numa forma trivial que torna a frase mais impressionante: “O escotismo é o remédio ideal para o “espírito de porco”.

2. Os garotos *paranóicos*, ávidos de comando, procuram exercer seu domínio sôbre outras crianças. En-

¹ Usamos aqui a classificação das perturbações do caráter estabelecida pelo Professor Heuyer.

quanto na turma da rua êles serão o “cabeça” tirânico ou no internato onde foram colocados à fôrça, serão o “pajé” oculto, na patrulha de escoteiros êles podem se tornar o responsável, com as prerrogativas de chefe, porém consciente de seus deveres de ajuda mútua em relação a seus subordinados. Seu orgulho patológico e sua tendência a se considerarem perseguidos, seu retraimento agressivo e sua necessidade de reivindicação poderão atenuar-se na atmosfera amiga da tropa escoteira, onde cada um procura se esquecer para prestar serviço ao próximo. A lei escoteira pode constituir a seus olhos a sublimação dessa “lei do grupo” que os seduz.

Para lhes permitir que mostrem do que são capazes e vejam à luz da experiência o limite de suas possibilidades, o chefe da tropa deverá muitas vêzes correr o risco de deixá-los chegar às funções de chefe de patrulha. Apenas deverá cercar essa tentativa do máximo de possibilidade de êxito, formando a patrulha do melhor modo possível e se mostrando muito “a descoberto”, para evidenciar que o exercício da autoridade deve, para aquêle que a exerce, ser acompanhado de numerosos sacrifícios pessoais.

3. Os *impulsivos*, mesmo do tipo *epileptóide* atenuado, podem ter a agressividade canalizada no escotismo em vez de se desmandar em fugas, violências, roubos ou delitos sexuais.

Os jogos e esportes, às vêzes brutos, praticados nas tropas de escoteiros proporcionam a descarga de seu potencial de energia. Mas principalmente o espírito de camaradagem permite que êles vão atingindo pouco a pouco o domínio de si próprios.

A vida ao ar livre, os trabalhos manuais, a calma do chefe da tropa representam também um papel importante na correção de suas perturbações.

Essa psicoterapia natural pode com vantagem aliar-se a um tratamento médico, porém não pode ser aplicada em casos graves. Uma tropa normal de escoteiros não poderia aceitar doentes sujeitos a crises evidentes de epilepsia. Só o *escotismo de extensão* propriamente dito, destinado aos enfermos, poderia criar para êsses casos unidades especiais, funcionando em estabelecimentos de cura.

4. Alguns *deprimidos*, apáticos, hipocondríacos, melancólicos, caso tenham cedido à insistência dos companheiros para ingressar numa tropa escoteira, podem, depois de um período de indiferença ou mesmo de mal-estar, descobrir, graças ao escotismo, reservas escondidas no seu íntimo, tomar confiança e tornar-se mais ativos.

Os exercícios físicos e manuais, as reuniões, as excursões e os acampamentos, os concursos entre patrulhas, o bom humor comunicativo dos companheiros, os incentivos cordiais do chefe e a preocupação de manter a promessa feita de obedecer à lei escoteira têm sobre êles um efeito tonificante.

As discussões coletivas, as representações dramáticas podem contribuir largamente para fazê-los sair de dentro de si mesmos e para lhes dar consciência de suas possibilidades.

As provas progressivas de classe e de especialidade estimulam-nos sem forçar.

5. Os *hiper-emotivos*, tímidos, angustiados, atormentados pela sexualidade e tentados pela fuga e pelo

roubo, sofrendo de uma deficiência física ou inibidos por um bloqueio afetivo (e cuja categoria quase se integra na precedente) são o que há de melhor para o escotismo.

Este lhes oferece uma sociedade simpática, onde poderão pouco a pouco tomar pé porque não serão ridicularizados pelos seus tiques ou temores, onde sairão progressivamente do seu retraimento inquieto.

Aí também os trabalhos manuais, as excursões e os acampamentos, a fabulação pitoresca dos jogos e de certas tradições escoteiras lhes permitirão evadir-se da monótona vida cotidiana, na qual se sentem tão infelizes... Os cantos, os serões, a alegria do grupo manterão bem vivas suas reservas de energia.

6. As crianças de "*tendências Perversas*" podem beneficiar-se do escotismo se suas perturbações não forem demasiado pronunciadas.

Sua crueldade para com os animais ou as crianças mais fracas, seus pequenos atentados sexuais, suas mentiras e indisciplinas podem ser curados pelo bom comportamento e o preparo do grupo, caso constituam apenas uma exceção. A tomada de responsabilidades, o apêlo feito pelo chefe às suas qualidades em certos setores e ao seu senso de honra, as ocasiões que lhes são proporcionadas de prestar serviço, podem fortalecer seu senso moral. Podem deixar-se impressionar pelo exemplo dos melhores companheiros de equipe e dominar pela forte amizade da tropa.

Porém é evidente que o escotismo nada pode fazer nos casos de perversidade profunda, inacessível à afeição assim como ao mêdo, dominada pelo desejo de destruir e causar sofrimento.

7. Finalmente, sem que se possa considerar uma tendência temperamental na legião — tão largamente representada diante dos tribunais para menores — dos garotos *instintivos*, egoístas, hedonistas, podem-se recrutar alguns nos grupos escoteiros, que sejam capazes de se deixar interessar pelas atividades da tropa e depois conquistar pelo espírito escoteiro e tornar-se assim mais generosos, mais prestativos.

Em resumo, apenas os realmente débeis mentais, os “perversos” inafetivos, os casos graves de psicopatia não se podem beneficiar do escotismo. Todos os outros jovens, se as atividades escoteiras lhes agradam, podem encontrar nelas uma canalização ou uma reversão de algumas de suas tendências.

Os mais inteligentes e ativos encontram oportunidades de agir, de descobrir, de se impor. Os menos dotados e os que sofrem de astenia deixam-se embalar por uma atmosfera mágica, mais estimulante para eles do que a vida comum e podem encontrar nela fatores de desenvolvimento.

N.B. — Apesar do aspecto acentuadamente artificial de semelhante classificação, pois tanto as perturbações do caráter como os métodos escoteiros que poderiam remediá-las se entrechocam na realidade, tentamos elaborar aqui as grandes linhas de um quadro de concordâncias. (V. pág. 96)

Conscientes dessa possibilidade de cura e da aptidão do escotismo, em consequência, para representar um papel não apenas de prevenção, mas de reeducação,

Tendências de caráter	Métodos Escoteiros	Artigos da lei escoteira (Éclaireurs de France)
Instabilidade psico-motora	Jogos, excursões, acampamentos Canto, representações dramáticas Sistema de patrulha Trabalhos manuais	O escoteiro sabe obedecer, é leal, tem uma só palavra, é trabalhador e econômico
Emotividade	Responsabilidades pessoais no seio da patrulha Apêlo ao sentimento de honra Debates coletivos Trabalhos manuais Vida ao ar livre Distintivos e tradições	O escoteiro está sempre de bom humor é limpo de corpo, pensamento, palavras e ações tem uma só palavra é leal e cavalheiro
Depressão	Jogos, excursões, acampamentos Representações dramáticas Provas de classe e especialidades	O escoteiro está sempre de bom humor sabe obedecer, é trabalhador, tem uma só palavra
Paranóia	Sistema de patrulha Exemplo do chefe da tropa	O escoteiro sabe obedecer, é amigo de todos, é leal e cavalheiro, é prestativo e pratica diariamente uma boa ação, está sempre de bom humor, é cortês e respeita as convicções alheias
Impulsividade	Sistema de patrulha Trabalhos manuais Canto, arte dramática	O escoteiro sabe obedecer, é amigo de todos, é limpo em palavras e atos, tem uma só palavra
Perversidade	Vida ao ar livre Sistema de patrulha Canto Exemplo do chefe	O escoteiro é amigo de todos, é cavalheiro, é bom para os animais, é prestativo, respeita os bens alheios, é limpo de corpo, palavras e ações

muitos pais, médicos ou psicólogos, magistrados para menores, assistentes sociais ou delegados para a liberdade vigiada, diretores de lares de meia-liberdade incentivam certos jovens a ingressarem no escotismo. Êles sabem que êsse movimento, em vez de tentar em vão rechaçar as más tendências, procurará exaltar e orientar as boas, a ponto de dominar as primeiras. Êles pedem à tropa escoteira que colabore com êles.

O próprio fato de sua intervenção pode certamente constituir uma barreira psicológica à adesão *livre*, absolutamente necessária, por parte da criança. Porém, quando essa intervenção apenas vence um obstáculo material, ela pode permitir à criança penetrar num grupo escoteiro quando não dispõe dos meios pecuniários (para despesas de cotas, uniforme, excursões e acampamentos) ou mesmo, em certos casos, quando nunca tinha visto de perto escoteiros ou pensado na possibilidade de se unir a êles.

*

* *

Porém a prática do escotismo não traz necessariamente uma melhoria na conduta da criança no seu meio habitual... A criança "difícil" conserva às vezes, infelizmente, um comportamento muito diferente em casa ou na escola e na tropa escoteira.

O que um bom chefe precisa procurar ao menos evitar, é que o escotismo (como aliás qualquer outro movimento que revista a forma de sociedade de jovens) não agrave sua *desadaptação* na família, oferecendo ao jovem um mundo mais agradável do que o lar. Deverá para isso manter-se em contacto com os pais, pro-

curar sugerir-lhes maneiras de captar a confiança e a afeição da criança. Na medida de suas possibilidades, deverá tentar fazer sua psicoterapia!

De um modo geral deverá zelar para que o escotismo não aumente as tendências patológicas do jovem em vez de corrigi-las. Com efeito, a instabilidade do "dispersivo" e do "turbulento", o autoritarismo e o orgulho desmedido do pequeno paranóico, o afastamento da realidade procurado pelo deprimido ou ligeiramente esquizóide, certas fixações ou regressões afetivas poderiam ser acentuados pela prática de um escotismo não controlado por um educador competente ou orientado por um bom especialista. É por isso que, diante de anomalias de comportamento que exorbitam da média, a ligação entre o chefe escoteiro (raramente formado em psico-pedagogia, pelas razões já indicadas) e o psiquiatra ou psicólogo, revela-se absolutamente indispensável.

Bem orientada, essa colaboração pode realizar excelentes curas em liberdade e evitar a colocação de jovens em internato. Ela pode operar sua reeducação psicológica e principalmente emocional e afetiva, pelo reenquadramento, pelo aproveitamento das tendências positivas de seu fundo temperamental e reversão de suas tendências "negativas". Pode ajudá-los a tornar-se senhores de suas forças instintivas, dando-lhes uma finalidade. Pode permitir-lhes desenvolver tôdas as suas possibilidades e investi-las em atividades preparatórias para a vida social.

Nos Países-Baixos, a direção da Educação extra-escolar do ministério da Instrução pública compreendeu tão bem os serviços que o movimento escoteiro poderia prestar, que fornece uma subvenção aos grupos que aceitem tomar a seu cargo, durante as horas disponíveis,

crianças prèviamente submetidas a um breve período de reeducação em acantonamentos, seguindo métodos diretamente derivados do escotismo.

Essa iniciativa merece ser observada. E a contribuição material que ela dá não parece inoportuna quando se sabe a penúria de meios de todos os movimentos de juventude!

Os pontos importantes são não confiar senão a chefes escoteiros de valor os pequenos deficientes e as "crianças-problema", não incorporar senão em número muito reduzido essas crianças a uma tropa comum e lembrar sempre que a adesão ao escotismo, nunca é demais repetir, tem de ser necessàriamente *voluntária*. Uma inscrição provocada pelo constrangimento não poderia nunca ter bom resultado.

Os zeladores da liberdade vigiada e os diretores de lares de meia-liberdade, tendo recebido do juiz uma autoridade que pode fàcilmente intimidar, devem, mais do que ninguém, procurar respeitar a escolha da criança.

Seção II

Prática do Escotismo Pròpriamente dito no Internato de Reeducação

Chefes escoteiros que se tornaram diretores de Centros de reeducação adaptaram tão bem o escotismo em proveito do conjunto dos rapazes, que julgaram desnecessário fazer praticar ou permitir que certos jovens praticassem o escotismo pròpriamente dito.

No entanto muitas vèzes mudaram de opinião. Verificaram que o verdadeiro escotismo, pela lei e pela

promessa, trazia a seus adeptos um meio excelente de se superar e vantagens muito especiais, como por exemplo um sentimento de reabilitação nas crianças levadas à justiça e, em todos, o privilégio de pertencer a uma grande confraria aberta para o mundo.

I. *Histórico*

Na época em que a pedagogia nova não havia ainda penetrado as instituições de proteção, uma tropa escoteira adquiria para os dirigentes o valor de uma verdadeira revolução e, para os jovens, o preço de uma evasão inesperada.

Desde os anos de 1925 a 1930, um grupo de escoteiros funcionava no patronato Rollet, em Paris, no lar de Soullins em Brunoy (Seine-et-Oise), no estabelecimento Oberlin de Schirmeck-Labroque (Baixo-Reno). Os relatórios das Assembléias gerais das Associações que dirigiam êsses estabelecimentos fornecem dados que levam a supor que tanto os responsáveis como as crianças estavam muito satisfeitos com essa iniciativa.

Nessa época também, já grupos escoteiros haviam sido criados em casas de reeducação de numerosos países, notadamente a Grã-Bretanha e os Estados Unidos.

No início da guerra de 1939, o escotismo era praticado no internato especializado de Chanteloup (Maine-et-Loire) e outro internato dependente do Ministério da Justiça, na Instituição pública vizinha de Saint-Hilaire (com uma tropa de escoteiros e um clã de *rovers*).

Durante estes últimos anos, houve grupos masculinos no Centro de Castellaras (Alpes Marítimos), na Instituição pública de Saint-Jodard (Loire), no patronato Rollet, em Paris, nos Centros de Assistência pública da

rua Denfert-Rochereau e de Villejuif, na Escola Théophile Roussel em Montesson, na Escola para crianças amparadas de Aumale (Sena Inferior), e em diversos Institutos médico-pedagógicos... Para meninas formaram-se grupos na Instituição pública de Cadillac (Gironde) e em algumas comunidades religiosas de preservação e de reabilitação. Na zona Norte, durante a ocupação alemã, alguns grupos permaneceram camuflados, com nomes diferentes.

Em meados de 1951, a maioria dos grupos masculinos filiaram-se à Associação neutra dos "Éclaireurs de France" com a possibilidade eventual, para alguns membros desses grupos, de aderir individualmente à Associação católica dos "Scouts de France" ou à dos "Éclaireurs unionistes de France", de inspiração protestante. Esses grupos estão incorporados nos seguintes estabelecimentos:

— Instituição pública de Saint-Jodard (uma tropa e um clã).

— Lar das crianças amparadas (desajustadas) da rua Denfert-Rochereau, em Paris (uma tropa).

— Escola das crianças amparadas (desajustadas) de Aumale (uma tropa).

— Centro de reeducação de Montigny-sur-Vingeanne, em Côte-d'Or (um clã).

— Centro de reeducação do Arco-Íris em Toulouse (um clã).

— Centro de reeducação de Mouans-Sartoux (Alpes Marítimos) (um clã).

— Centro Lota em Ustaritz (Baixos Pireneus) (uma tropa de "Scouts de France").

- Centro de educação de Ker-Goat (uma tropa).
- Estabelecimento psico-terápico de Loiret, em Fleury-les-Aubrais (experiência muito interessante de tropa mista).
- Diversos internatos médico-pedagógicos particulares.

N.B. — O patronato Rollet e o Centro de Castellaras estão fechados. A Instituição pública de Saint-Hilaire, depois de várias vicissitudes, foi reformada porém só aceita pupilos mais velhos. Chanteloup é agora uma escola ativa. Muitos dos seus alunos, recebidos em Saint-Jodard, aí se tornaram escoteiros.

No setor feminino, uma companhia bandeirante funciona na Instituição pública de Brécourt (Oise), (Cadillac acabou de fechar, depois de receber apenas meninas muito difíceis); no centro especializado de Han-sur-Seille (Meurthe-et-Moselle), e alguns clãs de guias reúnem meninas em casas religiosas de preservação e de reabilitação.

II. *Modalidades*

Examinemos agora os principais problemas decorrentes da tropa em internato. As seguintes regras, estabelecidas depois de uma experiência de muitos anos, refletem a opinião daqueles que dirigiram unidades escoteiras em estabelecimentos especializados:

1. Natureza do estabelecimento

A tropa escoteira autônoma não apresenta interêsse, salvo raríssimas exceções, num centro de abrigo ou ob-

servação. Os jovens permanecem nesses centros apenas alguns meses e quando se começa a conhecê-los melhor, vão embora. Uma promessa feita nessas condições não oferece quase garantia. Nunca se pode ter certeza de que o rapaz ou a môça, na vida em liberdade ou no internato para onde forem enviados, poderão continuar a praticar o escotismo.

Lògicamente, não se pode portanto encarar, num centro de abrigo ou de observação, senão uma simples iniciação ao escotismo, seja pelos próprios educadores do centro, seja pelos chefes de fora, acompanhados ou não de escoteiros ou bandeirantes.

O simples fato de que os escoteiros vêm ao centro participar de jogos, dar um espetáculo ou fazer um fogo de conselho, ajudar na realização de uma festa que ali se organize, é muitas vêzes suficiente para despertar o desejo de uma adesão subsequente do movimento.

2. Importância do estabelecimento

A tropa escoteira tem sempre razão de ser num estabelecimento de reeducação de grande efetivo, ou num estabelecimento médio, porém situado longe de uma cidade. Num centro pequeno e próximo de uma cidade, é melhor, como adiante precisaremos, que os alunos se inscrevam individualmente em grupos escoteiros normais da cidade, se êsses estiverem em condições de recebê-los.

Pode-se temer, com efeito, num pequeno internato, que se crie uma espécie de Estado dentro do Estado. Êsse perigo não existe praticamente num estabelecimento grande. O grupo escoteiro apresenta então, pelo contrário, a vantagem de permitir a certos jovens entra-

rem numa pequena confraria cujos ritos e gênero de atividade representam um modo de escapar à atmosfera demasiado gregária.

3. Recrutamento dos jovens

Quem pertencerá ao grupo de escoteiros? Já aconteceu, em institutos médico-pedagógicos que o diretor tomou a decisão de que todos os seus alunos deveriam aderir ao escotismo. O internato inteiro era então decorado com emblemas escoteiros, as equipes passavam a se denominar patrulhas, os alunos usavam durante todo o dia o uniforme e as insígnias do movimento.

Naturalmente, essas experiências malogravam rapidamente. Os adeptos do escotismo, digamo-lo ainda uma vez, não podem ser senão *voluntários*. É preciso que sua inscrição corresponda a um desejo de aperfeiçoamento pessoal, ou simplesmente a uma reação contra algumas condições habituais da vida que lhes é imposta (tais como a conduta de alguns companheiros, ou as ocupações constantes, que êles acham demasiado monótonas). É preciso que essa adesão seja provocada por uma necessidade de *evasão* do meio normal.

Deverão ser chamados para o escotismo os melhores alunos da instituição? Muitos diretores são favoráveis a essa solução. No entanto ela não se baseia numa consideração exata do problema. É preciso que na realidade o chefe ou a chefe escoteiros possam aceitar em seu grupo aquêles ou aquelas que manifestam mais forte desejo de ascensão, mesmo que estejam ainda muito em baixo. Não se deve privar de alimento aquêles que tem mais fome.

Infelizmente, quando se deu ao jovem “sua oportunidade” e êle não correspondeu com o esforço necessário, terá que ser excluído do grupo escoteiro (talvez seja conveniente no entanto chamá-lo à ordem uma ou duas vêzes antes). Num internato é preciso salvaguardar a reputação da tropa aos olhos dos outros alunos, sempre prontos a criticar. Além disso, os bons escoteiros, na sua sêde de absoluto, não toleram geralmente a permanência de um companheiro que êles consideram indigno.

4. Escolha do chefe

Como o escotismo no internato deve constituir uma evasão, convém que o chefe da tropa não seja o mesmo educador das crianças que se tornam escoteiros. É preciso dar-lhes o máximo de possibilidade de se mostrarem sob uma luz completamente nova, de “partir da estaca zero” como se diz. De fato, o comportamento do jovem se revela muitas vêzes inteiramente diferente na tropa e no internato. . .

Por outro lado, o atrativo de uma personalidade nova é muito vivo entre os jovens internos, afastados da vida normal. Sentem necessidade de ver de vez em quando “caras novas” . . . Enfim, algumas tradições tipicamente escoteiras e tão importantes para as crianças e mesmo para os adolescentes, por exemplo o tratamento de “você”, não podem ser observadas senão com um chefe que não esteja obrigado a impor habitualmente os constrangimentos do internato.

Num estabelecimento grande, o chefe escoteiro poderá ser um membro do pessoal não educativo (empregado do escritório ou enfermeiro, por exemplo), o mo-

nitor de educação física ou um educador encarregado de outros jovens que não sejam componentes do grupo escoteiro.

Poder-se-á também recorrer a um chefe escoteiro de fora, portador por isso mesmo de um grande prestígio aos olhos dos internos. Esse chefe porém, para evitar alguma inabilidade susceptível de provocar conseqüências desagradáveis, deve procurar instruir-se a respeito das particularidades atinentes às perturbações de caráter e informar-se sobre o passado e o estado atual de seus escoteiros.

Uma boa solução seria juntar um educador de estabelecimento (preenchendo as condições enunciadas acima, pois insistimos sobre a necessidade de permitir que o jovem interno se apresente "nôvo em fôlha") e um chefe de fora. Infelizmente é quase sempre muito difícil de se encontrar, visto que o escotismo sofre da falta de dirigentes para seus grupos comuns...

III. Vantagens do Escotismo no Internato

Já focalizamos algumas das vantagens que o jovem interno pode tirar de sua incorporação a uma tropa escoteira: evasão do ambiente cotidiano, possibilidade de adotar um comportamento completamente nôvo. A promessa, feita diante dos companheiros, de obedecer à lei escoteira constitui para êle um aguilhão moral susceptível de ajudá-lo a se superar.

Recebe as publicações escoteiras comuns que o mantêm a par das atividades de todos os escoteiros em seu país e no mundo. É convidado a participar de encontros, competições, acampamentos com rapazes de fora.

Para jovens que já foram levados ao juiz ou ao tribunal (por crime ou delito, vagabundagem ou correção paterna), ser admitido a fazer a promessa e a usar as insígnias do escotismo constitui uma sensação aguda de verdadeira *reabilitação*. Com efeito, sejam quais fôrem os progressos efetuados pela legislação relativa aos menores delinqüentes e pelas instituições que os recebem, êsses jovens sentem no internato uma profunda impressão de serem desclassificados. Estiveram “às voltas com a justiça”, com tôda a idéia de reprovação social ligada a essa expressão. Mesmo que o magistrado tenha demonstrado uma compreensão paternal, sua bondade não bastou para fazer esquecer a delegacia de polícia, os guardas ou os soldados do Palácio, às vêzes a casa de detenção, o “tintureiro”, as algemas, e, em Paris, o sinistro “Depósito” e a “Souricière”. A opinião pública, aliás, está sempre pronta a lembrar que se trata de um sujeito que já andou “às voltas com a justiça”!

Pode-se bem imaginar que mesmo os jovens colocados num internato por decisão do médico, ou por um organismo de higiene mental, ou mesmo apenas por deliberação dos pais, têm também, se bem que com menor intensidade, a sensação de não ser ou de não ser mais “como todo mundo”.

Pertencer a um grupo escoteiro poderá apagar êsse sentimento de inferioridade. De agora em diante o jovem pertence a uma vasta confraria, nacional e internacional, onde êle é perfeitamente *igual aos outros*. Quando êle entra nas competições com os grupos normais do município ou da região, por ocasião da reunião geral da festa de São Jorge padroeiro do escotismo, se êle vai a um “Jamboree” mundial, não é um interno

do Centro X. . . , um garôto “que já se meteu em encrencas”, êle é *um escoteiro*. Sabe que quando encontrar, nos dias de saída, um escoteiro de qualquer associação, de seu país ou de outro, poderá se considerar como seu irmão. Sabe que, voltando à liberdade, poderá ir para qualquer cidade e lá encontrará escoteiros prontos a ajudá-lo.

Muitos diretores de Centros nos assinalaram o orgulho extraordinário de seus alunos escoteiros quando passam certas provas (principalmente de “agilidade”!) nos concursos, em competição amistosa com escoteiros de fora.

Não se pense porém que a superioridade dêesses jovens “inadaptados” não se possa encontrar senão no plano da rapidez dos reflexos. . . Ela se afirma frequentemente também no rigor do seu comportamento, na preocupação de se mostrar sob a melhor luz: e a elevação de sua concepção do escotismo, sua intransigência para consigo mesmos poderão fazê-los se ressentir da negligência de alguns escoteiros “normais”! . . .

A progressão das provas escoteiras apresenta, por seu lado, um grande interêsse: estimula os jovens que, na vida do internato, se mostram muitas vêzes apáticos, desanimados ou amargos. . . Aqui a aquisição de conhecimentos interessa-lhes, porque se lhes apresentam concretos e vivos, e principalmente, sem dúvida, porque não lhes são impostos. . . No entanto a deficiência intelectual ou escolar de muitos dêeles, se bem que não os impeça de executar trabalhos práticos às vêzes difíceis, obriga muitas vêzes a não ultrapassar com êles as provas teóricas mais simples.

Nunca seria demais insistir, finalmente, sôbre a *alegria de viver* que o escotismo pode trazer a êsses

jovens anestesiados pela permanência em certos internatos, porque a divisão do horário em fatias automáticas lhes tira por completo a iniciativa e porque a coabitação com camaradas pervertidos e zombeteiros é uma fonte de melancolia e de sofrimento. . . Um deles, *rover* num Centro, dizia a seus chefes: “Vocês querem saber, se não fôsse o clã, há muito tempo eu já teria dado o fora daqui!”

Para êsses basta uma nesga de céu para dar esperança e só por essa razão, o escotismo deve ser proporcionado àqueles que podem se beneficiar com êle.

IV. Inconvenientes Possíveis do Escotismo em Internato

É preciso evitar, já o dissemos, que a tropa escoteira se torne um Estado dentro do Estado. O diretor da instituição não lhe deve dar, nem permitir que ela tome, privilégios que provoquem a inveja de outros alunos ou que perturbem a marcha do conjunto do estabelecimento.

Muitos garotos desajustados terão prazer em ridicularizar os escoteiros. Entre os adolescentes, o simples fato de usar calças curtas (se bem que essa prática esteja agora bastante generalizada fora do escotismo!) provoca freqüentemente caçadas em relação aos escoteiros já crescidos e aos pioneiros.¹ Essa hostilidade só desaparecerá com o hábito, se os escoteiros forem prestativos e tiverem um comportamento exemplar e se a “administração” do Centro não lhes conceder privilé-

¹ É preciso lembrar no entanto que, pelo menos entre os pioneiros a tendência atual na França é não usar mais calças curtas no inverno.

gios exorbitantes. É preciso que não se possa alegar — como já tem acontecido — que êles são os “prediletos do diretor”.

Isso não quer dizer que o diretor não lhes ofereça as condições indispensáveis de existência: local no estabelecimento, que possa ser decorado à vontade, permissão para usar o uniforme escoteiro, para receber da intendência refeições que possam ser cozinhadas fora, para fazer acampamentos, para participar algumas vezes de encontros com outros escoteiros em locais distantes. Um grupo que não possa se reunir algumas horas por semana e nunca aos domingos, não teria significado real.

A êsse propósito, surge outro problema. Se os escoteiros são mesmo os elementos mais dinâmicos e mais prestativos do internato, deve-se incentivá-los a sair para seus programas, deixando juntos, para os jogos de domingo, apenas os mais lentos e os mais rebeldes? Num grande estabelecimento, os educadores certa vez se queixaram de que a tropa escoteira, selecionando o que havia de melhor entre os alunos, impedia que os jovens capazes de animar os companheiros nas horas de recreio fôsem aproveitados. Apesar dêsse comentário nunca ser feito a propósito dos membros das equipes esportivas, que sempre têm permissão para ir aos jogos (se bem que talvez não tenham a mesma capacidade de “polarização”), a questão merece ser estudada. A solução só pode ser encontrada, evidentemente, para cada caso, por uma boa coordenação, orientada pelo diretor, entre os educadores e o chefe escoteiro.

De qualquer modo, essa coordenação deve ser constante, a última palavra cabendo sempre ao diretor e aos educadores, substitutos dos pais. Deve-se porém

conseguir combinar o interesse geral e o interesse dos escoteiros: conservando-os freqüentemente nas suas equipes habituais. Assim, em alguns estabelecimentos só há, além das reuniões semanais, duas excursões escoteiras por mês: uma para os chefes de patrulha e uma para o grupo todo. Dêsse modo, nos outros domingos, êles permanecem misturados com os companheiros no internato.

V. *Inscrição de Internos em Grupos
Escoteiros de Fora.*

Outra forma de escotismo pode ser considerada. Os educadores de Ker-Goat (que são todos chefes escoteiros e que, como já explicamos, adaptam o escotismo ao conjunto dos alunos), inicialmente julgaram supérfluo proporcionar a alguns de seus rapazes o ingresso no escotismo. Depois, conscientes de que a lei e a promessa trariam a êsses meninos uma fôrça suplementar, que a inscrição no movimento oficial, com todo o convívio exterior decorrente, conferiria a êsses jovens aquêlê sentimento de reabilitação de que já falamos, quiseram experimentar — antes de adotar a solução mais cômoda do grupo escoteiro no interior do Centro — a inscrição individual de voluntários nos grupos escoteiros comuns da cidade próxima.

Puderam assim misturar os candidatos julgados dignos a rapazes que viviam no seio da família e na escola uma existência normal. Infelizmente, a distância de Ker-Goat a Dinan (7 quilômetros), assim como a falta de chefes à frente das tropas escoteiras daquela cidade forçaram-nos a desistir da experiência.

Ela merece ser tentada tôdas as vêzes que a distância não se oponha e quando as unidades escoteiras

normais se manifestarem susceptíveis de acolher alunos de um Centro especializado. Essa última condição, infelizmente, será muitas vezes difícil de preencher. Os pais dos escoteiros comuns podem, em certos casos, protestar. O grupo escoteiro pode não ter chefes suficientes para enfrentar situações delicadas.

Mesmo na melhor das hipóteses, a prudência aconselharia não confiar mais do que um jovem inadaptado por patrulha de 7 a 8 meninos. No entanto não se pode fixar uma regra. Alguns pupilos de Centros de reeducação são, antes de tudo, vítimas de um meio familiar ruim. Colocados em boas condições, podem revelar-se em muitos pontos superiores a muitos escoteiros de um grupo comum. E já houve o caso de um aluno de internato especializado tornar-se o chefe da tropa escoteira da localidade vizinha.

VI. Limites do Escotismo para os Jovens Desajustados em Internato

O exemplo acima não deve porém levar a um otimismo exagerado. Muitos jovens inadaptados sociais sofrem de perturbações de caráter bastante sérias para destruir o efeito de seus compromissos e tornar precário o seu comportamento. Sua instabilidade ou impulsividade, principalmente, sem falar de suas deficiências mentais, são para êles pesadas desvantagens. Espantosas ascensões são às vezes seguidas de quedas retumbantes, geradoras de um maior sentimento de decadência.

Por isso o chefe escoteiro que se dispôs a correr o risco, não deve no entanto permitir que um rapaz faça a promessa antes de conhecê-lo bem. É preciso que essa promessa corresponda verdadeiramente a um

apêlo vibrante da consciência e tenha, por outro lado, possibilidade de se prolongar em efeitos duradouros.

Senão, chegar-se-ia rapidamente a uma caricatura do escotismo e todo o movimento, assim como os próprios jovens inadaptados, viriam a sofrer com isso.

VII. Particularidades do Escotismo nos Estabelecimentos para Meninas

A necessidade dessa prudência se faz sentir ainda mais pelas educadoras de meninas, cuja transformação do comportamento é, como se sabe, muito mais difícil do que a dos rapazes.

Incidentes lamentáveis (com prestituição sob a capa do escotismo praticada por antigas pupilas de estabelecimentos de reeducação) tornaram o bandeirantismo menos audacioso no assunto do que o escotismo para rapazes.

Muitas chefes de guias ou de bandeirantes ajudam instituições religiosas de preservação e de reabilitação (do tipo "Bom Pastor", "Refúgio", etc.), organizando recreações a pedido das educadoras enclausuradas. Elas se ocupam também de acompanhar as môças quando estas deixam o internato, tomando conta delas, pois (devido ao pequeno número de lares de meia-liberdade criados até agora) as pensionistas dessas comunidades ficam muitas vêzes desamparadas e em grande perigo de recaída quando retornam à vida exterior. Porém as chefes não ousam criar verdadeiros grupos bandeirantes.

Existem alguns no entanto em estabelecimentos femininos (companhias bandeirantes em Brécourt e Han-sur-Seille, clã de guias em certas casas religiosas).

As atividades são, na medida do possível, as mesmas do bandeirantismo normal e as bandeirantes ou guias tomam parte em reuniões no exterior. Porém essas jovens só fazem a verdadeira promessa bandeirante depois que saem do internato. Na instituição, elas podem tomar apenas um "compromisso" que lhes dá direito a usar algumas insígnias, não porém ao broche bandeirante.

Restrição lamentável, que se deve aceitar no entanto quando se conhecem as razões que a causaram. É preferível renunciar por completo ao escotismo do que tentar parodiá-lo, como aliás já tem acontecido em alguns colégios para crianças normais.

CAPÍTULO TERCEIRO

Auxílio do Escotismo Normal a Certas Obras de Proteção à Infância e à Adolescência

Acabamos de estudar a contribuição de chefes bandeirantes na recreação nos internatos religiosos de reeducação para môças e na readaptação social das menores depois que deixam essas instituições. Esse trabalho, especialmente útil devido à separação existente entre as congregações e a vida normal (apesar dos louváveis esforços que têm sido feitos atualmente para uma reaproximação) e devido também às numerosas decepções notadas até agora na reintegração individual das pupilas, não é senão uma das diversas modalidades de auxílio oferecidas pelos dirigentes do escotismo e pelas companhias normais a certas obras de proteção à infância e à adolescência.

Se bem que nos internatos para rapazes tivesse sido possível, de um modo geral, modificar muito mais rapidamente os métodos do que nos internatos para meninas, ainda existem alguns onde a colaboração de chefes escoteiros ou de pioneiros é ainda um elemento precioso. Êles vêm, por exemplo, às quintas-feiras ou aos domingos dirigir jogos no internato ou fora, levam alguns rapazes às suas excursões ou acampamentos, substituem gratuitamente, durante as férias, os educadores em licença, ou reforçam com sua presença o

grupo dirigente de uma colônia de verão para os jovens internos. Ajudam na organização de festas ou de serões. Levam essa ajuda não somente aos centros de reeducação (situados geralmente em locais distantes, às vezes mesmo longe demais das cidades), como também aos centros para-urbanos de abrigo, de observação e de meia-liberdade.

Nos países onde as concepções repressivas de tratamento da infância inadaptada não foram ainda completamente abandonadas, essa intervenção intermitente de chefes ou pioneiros representa uma colaboração de valor considerável. Ela tem o mérito de preparar os responsáveis pelos internatos especializados a se integrarem nos métodos novos, a compreenderem que a reeducação, como a educação, deve se efetuar o mais possível “na vida, pela vida, para a vida”.

Assim, na prisão de Beirute, as visitas de pioneiros libaneses, seguidas de jogos e de exercícios de cultura física foram autorizadas e mais tarde foi criada uma pequena casa de reeducação, com atmosfera familiar.

Para os estabelecimentos franceses, dispondo de um pessoal qualificado e aplicando métodos modernos, a contribuição amiga de pioneiros, de chefes escoteiros ou bandeirantes tem a vantagem de oferecer aos pupilos uma ligação com o exterior. Assim os alunos da Escola central ou Politécnica, antigos escoteiros, colaboram com os Centros de Paris: os da Escola Santa Genoveva com os Centros de Versailles. Nas províncias, os pioneiros oferecem seus serviços aos chefes dos Centros de observação ou de reeducação para dirigir as saídas. No lar rural de Bois-du-Loup, instalado nos terrenos da Escola militar de Coëtquidan, alguns alunos-oficiais, antigos pioneiros, tornaram-se amigos dos adolescentes colocados

nesse Lar por decisão da justiça. Nas instituições públicas de Chanteloup e de Saint-Hilaire (Maine-et-Loire), jovens oficiais da Escola de cavalaria de Saumur, de formação escoteira, puseram-se em contacto com os alunos. Nessa mesma cidade de Saumur, por iniciativa de um capitão-médico filiado aos "Scouts de France", são organizados, periodicamente, verdadeiros "dias da amizade", proporcionando aos internos de Chanteloup e de Saint-Hilaire serem recebidos no seio das famílias.

Enfim grupos escoteiros normais ou, individualmente, seus responsáveis, esforçam-se por prestar os serviços que lhes sejam solicitados pelos reeducadores da "cura em liberdade", pelos zeladores da liberdade vigiada ou pelos animadores da instituição denominada "La Grande Cordée".

CONCLUSÃO

O escotismo, método de formação do caráter e, de um modo geral, da educação individual no seio de um grupo, representa um papel muito importante de *prevenção*¹ das atitudes anti-sociais na criança e no adolescente. Por outro lado, contribuiu grandemente para que fôsse aceita a adaptação dos processos pedagógicos modernos na *reeducação* da juventude socialmente inadaptada. Esta já se beneficiou enormemente de um “movimento” criado por um homem que foi, aliás, êle mesmo — como o demonstram seus livros — um “menino difícil”.

O escotismo, por sua adaptação ou sua aplicação estrita, é de molde a auxiliar os jovens (de preferência antes da puberdade) quando as perturbações de seu comportamento provêm de causas psico-sociais ou psicosomáticas de pouca profundidade. Sua influência só malogrará em caso de recusa de adesão, ou de taras intelectuais ou de caráter profundas, hereditárias ou adquiridas, de determinações biológicas ou afetivas graves.

Colocando os jovens num clima de confiança e de liberdade, êle pode realizar, por uma ação individual e

¹ Já em 1933, a municipalidade de Chicago decidia auxiliar os escoteiros da cidade, a fim de combater a delinquência juvenil.

por psicoterapia de grupo, sua reeducação. Permitindo-lhes que se liberem e se expressem, que construam em vez de destruir, propondo-lhes uma educação *dinâmica*, êle pode apagar seus complexos prejudiciais, corrigir as anomalias do seu comportamento. Oferecendo-lhes uma boa higiene física e principalmente mental, pode estimulá-los, fortificar sua personalidade, torná-los mais felizes e lhes inculcar o amor do serviço ao próximo. Para êsses jovens inadaptados, a educação pela recreação se revela tão importante quanto a formação escolar ou profissional.

O número de reeducadores formados pelo escotismo é promissor de uma ação a longo alcance nesse domínio. Na França, quanto às instituições da forma clássica (Centros de abrigo, de observação, de reeducação, de meia-liberdade), mais de quarenta internatos especializados leigos para rapazes possuem um diretor filiado ao escotismo. A quase totalidade dêsses estabelecimentos contam em seus quadros um ou diversos chefes escoteiros.

Cada vez mais, por outro lado, os dirigentes escoteiros se preparam para as profissões de educador especializado, de assistente social, de psicólogo, de psicoterapeuta, de neuro-psiquiatra infantil, de juiz de menores, de funcionário de administrações dedicadas a êsses problemas. Cada vez mais também, há escoteiros que aceitam as funções de zelador de liberdade vigiada, de assessor de tribunal para menores, de membro do conselho de administração de uma associação de amparo. O escotismo se encaminha naturalmente no sentido da proteção à infância e à adolescência.

Do mesmo modo não será surpreendente verificar que entre os primeiros reeducadores de adultos que pro-

jetam levar a efeito o plano de reforma da Administração penitenciária francesa, se acham antigos chefes escoteiros e bandeirantes. Encontram nesse trabalho um imenso terreno para sua técnica e seu devotamento. A julgar pelas experiências feitas desde alguns anos na Bélgica (em Hoogstraten e Marneffe principalmente) a aplicação dos métodos escoteiros pode conduzir a êxitos inesperados mesmo para adultos.

A dupla qualidade de chefe escoteiro e de reeducador é tão freqüente que muita gente já nem presta mais atenção ao fato. Mesmo entre aquêles que mais se alimentaram dos princípios de Baden-Powell, encontram-se alguns que esquecem a origem da sua vocação e de seus métodos e se consideram afastados do escotismo.

Isso quer dizer que o desejo expresso por Baden-Powell está prestes a se realizar: o escotismo, criado para reagir contra os erros e preencher as lacunas da educação tradicional, terá agora impregnado de tal modo os processos pedagógicos em uso que lhe será lícito desaparecer?

Não o cremos. O escotismo, reforçado pela psicologia, continuará a evoluir, ultrapassará sempre sob certos aspectos a educação do comum dos jovens: poderá permanecer sempre uma confraria isolada onde alguns gostarão de penetrar. Se seu papel em face dos problemas da reeducação se atenuou em comparação com aquela época em que era necessário reagir contra as concepções repressivas do tratamento dos temperamentais e anti-sociais, que êle enfrentou vigorosamente, dando nôvo impulso, concitando seus chefes a se tornarem os militantes do bom combate, enquanto a súcia de "penitenciários" ou apenas "paternalistas" se man-

tiver nos estabelecimentos de reeducação, êle deverá se manter na trincheira.

E mesmo quando as instituições de prevenção tiverem atingido o ponto desejado, a adesão ao escotismo de certos voluntários conservará seu interêsse. Porque a êsses o escotismo dará sempre mais do que a outros o gôsto do esfôrço.

Ajudará o seu progresso.

Fa-los-á sentir amor pela vida.

Façamos votos para que uma colaboração cada vez mais estreita se estabeleça entre os melhores chefes escoteiros, os pedo-psiquiatras e os pedo-psicólogos, a fim de permitir que o escotismo reforce sua atuação junto a todos os jovens "em dificuldade" que podem tirar proveito de seus métodos, de sua técnica e de seu espírito.

Composto e impresso pela
Linográfica Editôra Ltda.

Rua Bresser, 1299 — São Paulo

para a

AGIR S. A., no quarto trimestre de 1969

EXEMPLAR

1036
N^o 1036



Coleção «JUVENTUDE»

1. *ALGUÉM ESTÁ À MINHA ESPERA* — Frieda Stadler — (7.^a ed.).
2. *AMAI-VOS UNS AOS OUTROS* — Lucas — (6.^a ed.).
3. *PALAVRAS À MINHA FILHA* — Mônica Levallet-Montal — (7.^a ed.).
4. *PÁGINAS DO EVANGELHO PARA OS NOSSOS DIAS* — Louis Soubigou — (3.^a ed.).
5. *TUA LUZ BRILHARÁ NAS TREVAS* — Paula Hoesl — (4.^a ed.).
6. *À PROCURA DO SENHOR* — Ludovic Giraud — (5.^a ed.).
7. *TEU OUTRO EU* — Jean Vieujean — (6.^a ed.).
8. *A EDUCAÇÃO DO CARÁTER* — Gillet O. P. — (Esgotada).
9. *SANTA MARIA EM SEU TEMPO* — Renée Zeller.
10. *JUVENTUDE EM ALTO MAR* — Paula Hoesl — (5.^a ed.).
11. *CLARO CAMINHO* — Marcelle Auclair — (4.^a ed.).
12. *NAS TUAS MÃOS, SENHOR* — L. Giraud — (3.^a ed.).
13. *O DIÁRIO DE DANY* — Michel Quoist — (7.^a ed.).
14. *VOCÊ, ELE E O AMOR* — Irene Tavares de Sá — (3.^a ed.).
15. *TU ÉS ESSE HOMEM* — Louis Evely — (2.^a ed.).
16. *QUEREMOS VER O CRISTO* — René Guerre e Maurice Zinty — (2.^a ed.).
17. *O DIÁRIO DE ANA MARIA* — Michel Quoist — (6.^a ed.).
18. *JOVEM, LEVANTA-TE* — Michèle Aumont — (2.^a ed.).

Estes livros podem ser adquiridos na livraria de sua preferência ou na

Livraria **AGIR** *Editôra*

Rua Bráulio Gomes, 125
(ao lado da Bibl. Mun.)
Tel.: 34-8300
Caixa Postal, 6040
São Paulo — SP

Rua México, 98-B
Tel.: 242-8327
C. Postal, 3291-ZC-00
Rio de Janeiro
Guanabara

R. Espírito Santo, 845
Loja 16
Telefone: 22-3038
Caixa Postal, 733
Belo Horizonte - M.G.

Enderêço Telegráfico: "AGIRSA"

Atendemos pelo Serviço de Reembólso Postal

O ESCOTISMO NA EDUCAÇÃO E REEDUCAÇÃO DOS JOVENS - HENRI JOUBRE
AGIR